



**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA-LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA.**

GEICINALVA MARINHO MACHADO SANTOS

**DESAFIOS DE PROFESSORES DIANTE DA VIOLÊNCIA ESCOLAR:
Análise em uma escola pública de Itaituba- Pará**

ITAITUBA/ PA

2019

GEICINALVA MARINHO MACHADO SANTOS

**DESAFIOS DE PROFESSORES DIANTE DA VIOLÊNCIA ESCOLAR:
Análise em uma escola pública de Itaituba- Pará.**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

ITAITUBA/ PA

2019

SANTOS. Geicinalva Marinho Machado

Desafios de Professores Diante da Violência Escolar: Análise em uma escola pública de Itaituba- Pará. : CLPL da FAI, 2017: CLPL da FAI, 2019.

63 fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba- Pará- BR-PA, 2019.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

1- Educação. Violência. Desafios. II- CRUZ, Lucia Maria da Costa. Faculdade de Itaituba- FAI Itaituba- Pará/BR- 2019.

GEICINALVA MARINHO MACHADO SANTOS

**DESAFIOS DE PROFESSORES DIANTE DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: ANÁLISE
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ITAITUBA- PARÁ.**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em
Pedagogia da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Lucia Maria da Costa Cruz, Esp.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ **Nota:** _____
Prof.^a. Lúcia Maria da Costa Cruz, Esp.

Avaliador 1: _____ **Nota:** _____
Prof. Francisco Cláudio da Silva Sousa, Dr

Avaliador 2: _____ **Nota:** _____
Prof. Dhemesbraene Soares da Silva, Esp.

Resultado: _____ **Média:** _____

Data: 20 de Dezembro de 2019

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso, primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia. Ao meu pai, minha mãe (In Memoriam), que deixou em mim uma grande força de vontade para vencer e aos meus irmãos pelo carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me ter dado saúde e força;

Ao meu pai Idalberto Cardoso dos Santos, que apesar de todas as dificuldades me fortaleceu e foi muito importante;

À minha mãe, Maria Dinalva Marinho Machado dos Santos (In Memoriam).

Aos meus irmãos que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente.

Aos meus amigos, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida, com toda certeza.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte do meu sucesso.

Muito Obrigada!

“Frágeis usam a violência e os fortes as ideias”
(Augusto Cury)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Desafios de professores diante da violência escolar”, ocorreu através de uma análise em uma escola pública de Itaituba- Pará, no período de outubro de 2019, através de uma pesquisa bibliográfica com autores como: Abramovay (2002); Delors (1996); Pato (1987); Silva, (2002) e de uma pesquisa de campo com abordagem qualitativa, visando analisar os desafios dos docentes em sala de aula, frente à violência na escola e especificamente em sala de aula. Objetivou-se analisar os desafios dos professores com a violência do aluno no ambiente escolar; identificar causas da violência dos alunos em sala de aula como também verificar condições para lidar com a violência na sala de aula e propor metodologias para amenizar os eventos ocorrentes de violência na escola. O mesmo foi direcionado com as seguintes questões: Quais os desafios dos professores com a violência na escola? Quais são as causas da violência dos alunos no contexto escolar e como lidar com a violência em sala de aula? Para se chegar aos resultados, ocorreram a coleta e análise de dados, as discursões e comentários. Também foram sugeridas algumas propostas intervenientes, a fim de facilitar o trabalho do professor diante das agressões e indisciplinas que consistem em violências e agressões que consistem em desafios na escola e em sala de aula, principalmente. À seguir, a conclusão, onde percebeu-se que o fenômeno é ocorrente e desagradável, onde todos os envolvidos precisam intervir, a partir dos inseridos no contexto escolar, aos familiares que se distanciam da escola.

Palavras- chave: Educação. Violência. Desafios

ABSTRACT

The present study, entitled "Teacher Challenges in the face of School Violence", was carried out through an analysis in a public school in Itaituba- Pará, in the period of October 2019, through a bibliographical research with authors such as Abramovay (2002); Delors (1996); Pato (1987); Silva, (2002) and a field research with a qualitative approach, aiming to analyze the challenges of teachers in the classroom, against violence in school and specifically in class. The aim of this study was to analyze teachers' challenges with student violence in the school environment; identify causes of student violence in the classroom, as well as verify conditions for dealing with violence in the classroom and propose methodologies to mitigate the occurrences of violence in the school. The same was addressed with the following questions: What are the challenges of teachers with violence in school? What are the causes of student violence in the school context and how to deal with violence in the classroom? In order to arrive at the results, the data collection and analysis, the discussions and commentaries took place. Some intervening proposals have also been suggested in order to facilitate the work of the teacher in the face of aggressions and indisciplines that consist of violence and aggression that consist of challenges in the school and in the classroom, mainly. In the following, the conclusion, where it was perceived that the phenomenon is occurring and unpleasant, where all involved need to intervene, from those inserted in the school context, to family members who distance themselves from school.

Key words: Education. Violence. Challenges

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Você já deparou- se com casos de violência nesta escola? Justifique sua resposta	49
QUADRO 02	Como é trabalhada a questão da violência em sala de aula?.....	50
QUADRO 03	Trace o perfil de um aluno indisciplinado e agressivo.....	51
QUADRO 04	A escola desenvolve projetos de inserção dos pais na escola? Fale sobre.....	52
QUADRO 05	Quais metodologias são utilizadas para trabalhar a questão da violência nesta escolar?	53
QUADRO 06	Do seu ponto de vista a educação familiar faz a diferença no comportamento do aluno em sala de aula? Comente.....	54
QUADRO 07	Os pais contribuem com a educação de seus filhos?.....	55

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 ABORDAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR	14
1.1 ABORDAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	14
1.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA	16
1.3 CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FAMILIAR NA ESCOLA	30
1.4 FATORES CONTRIBUINTES PARA A VIOLÊNCIA NA ESCOLA	32
2 VIOLÊNCIA NA ESCOLA: DIFICULDADES E DESAFIOS DO PROFESSOR	36
2.1 CONFLITOS NA ESCOLA: A NECESSIDADE DA EMPATIA	36
2.2 O PAPEL DA ESCOLA PARA A EDUCAÇÃO DO SUJEITO	37
2.3 CONFLITOS EM SALA DE AULA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS.....	40
2.4 QUANDO É PRECISO TRANSFORMAR ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO.....	41
3 DESAFIOS DE PROFESSORES DIANTE DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: ANÁLISE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ITAITUBA- PARÁ.....	47
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	47
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	48
3.3 PERFIS DOS ENTREVISTADOS	49
3.4 ANÁLISE DA PEQUISA COM OS PROFESSORES	49
3.5 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO	56
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICES.....	61

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado “Desafios de professores diante da violência escolar”, através de uma análise em uma escola pública de Itaituba- Pará corroborou que os docentes, realmente enfrentam dificuldades que consistem em desafios diante da violência, agressões e indisciplinas no ambiente escolar, especificamente em sala de aula.

Sobretudo, foi necessário uma pesquisa bibliográfica, com teóricos específicos, que abordam o tema, como: Abramovay (2002); Delors (1996); Pato (1987); Silva, (2002) e uma investigação de campo, de cunho qualitativo, com docentes que trabalham na escola, no período de outubro de 2019, onde analisou-se tais desafios dos docentes vividos em seus ambientes de trabalho.

Para tanto, norteou-se a pesquisa com as seguintes questões: Quais os desafios dos professores com a violência na escola? Quais são as causas da violência dos alunos no contexto escolar? Como lidar com a violência em sala de aula? E os objetivos consistiram em Analisar os desafios dos professores com a violência do aluno no ambiente escolar; Identificar causas da violência dos alunos em sala de aula; Verificar condições para lidar com a violência na sala de aula; Propor metodologias para amenizar os eventos ocorrentes de violência na escola.

Assim, foi necessária a coleta e análise dos dados da pesquisa, como também as devidas discursões e comentários, a sugestão de propostas contribuintes para facilitar o trabalho na escola e a conclusão do mesmo que foi estruturado em três capítulos distintos, onde o primeiro faz uma abordagem sobre a violência no contexto escolar e no ambiente escolar; os tipos de violência ocorrentes na escola; as contribuições da educação familiar para a educação escolar e fatores contribuintes para a violência na escola.

O segundo capítulo trata da violência na escola, dificuldades e desafios do professor; a indisciplina e os conflitos; o papel da escola para a educação do sujeito; os conflitos em sala de aula e as práticas pedagógicas e quando é preciso transformar através da educação.

O terceiro capítulo apresenta o resultado da pesquisa com desafios de professores diante da violência escolar, com análise em uma escola pública de Itaituba- Pará, a caracterização da escola, os procedimentos metodológicos, perfis

dos entrevistados, resultado da pesquisa, algumas propostas de intervenção e a conclusão, constatando-se que a violência está presente na escola e os professores, como agentes diretos da educação têm como desafios conviver e trabalhar para intervir na situação.

1. ABORDAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR

1.1 ABORDAGEM SOBRE A VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

A sociedade atualmente, tem sido um pouco indiferente em relação aos seres que são socialmente frágeis e que muitas vezes adaptam condutas violentas como forma de proteção e/ ou imitação. Dessa forma, a violência têm-se tornado uma arma de proteção ou revanche, retaliação por algo que desagrada e não tem outra solução. No ambiente escola não é diferente, já que é um lugar de socialização de pessoas com diversas personalidades, características e maneiras de pensar. Como Charlot (2002) caracteriza:

Violência na escola, violência à escola e violência da escola. Isso se argumenta que esta distinção é importante no sentido de que se a escola é, em grande medida, impotente com respeito à violência na escola, isto é, a violência que é reflexo do mundo externo, ela não o é com respeito a sua ação face à violência da escola e à escola. (CHARLOT, 2002, p. 41)

Mediante esta situação, a violência dos alunos na escola não pode ser compreendida plenamente, a não ser que a situa-se em seu contexto social e cultural. Caso contrário, a violência escolar parece não ser mais que um problema individual, uma carência de habilidades sociais de alguns indivíduos ou quando muito causada pelo fato do aluno pertencer a uma família desestruturada. É necessário compreender o indivíduo em sua totalidade, entendendo que a sua história de vida, embora seja singular, não é um processo interior independente da sociedade a qual este está inserido. E precisa ser revisto com um olhar atento.

Mediante a questão, há evidências que a escola comunga com sujeitos com suas peculiaridades; que as vítimas estão es todas as partes; e que os agressores são fisicamente mais fortes, reagem com maior agressividade, são provocadores, apresentam tendência à hiperatividade, manifestam pouca empatia com os demais e inclusive se mostram satisfeitos com o sofrimento que provocam.

Diante disto, são egocêntricos, hedonistas e têm uma autoestima defensiva alta. Mantêm uma relação insatisfatória e hostil com a escola, pois não gostam dela e nem dos professores. E que alguns colegas estão sempre ao seu lado para ver suas agressões e seu modo estranho de ser.

No entanto, são populares especialmente dentro de seu grupo. Isto indica um verdadeiro descompromisso com a escola. As vítimas em geral são mais frágeis

fisicamente e às vezes têm uma aparência física desvalorizada socialmente. As vítimas são, por exemplo, os gordos, as pessoas pertencentes às minorias étnicas ou as que possuem alguma deficiência física ou mental, dentre outras às quais os agressores não empatizam.

As vítimas, geralmente aparentam insegurança e uma atitude submissa. Suas reações são poucas, com tendência a reagir chorando e com o abandono da situação. Candau (1999, p. 76) a violência escolar está associada à “deslegitimação da escola”. Em outra visão, estudos têm apontado para a importância do contexto familiar na produção da violência no âmbito escolar. Ao enfocarem o contexto familiar, destacam-se uma relação entre violência infantil e/ ou juvenil e problemas nas relações familiares, seja de qualquer estrutura.

Muitas famílias, que impõem disciplinas autoritárias, inconsistentes, punitivas e permissivas contribuem para que as crianças sejam excluídas por seus iguais e para a ocorrência de comportamentos violentos. O comportamento agressivo que se manifesta no interior das famílias por este tipo de comportamento se generaliza. Os comportamentos violentos que até então apareciam apenas no contexto privado da família surgem também no meio escolar, tanto na sala de aula que é uma extensão educativa do sujeito, quanto na relação com os amigos, e depois na rua. Isto consiste em um modelo de transferência da violência da família para escola e finalmente à rua. Sposito (2001) assegura que:

As incivildades sinalizariam um conjunto de insatisfações manifestadas pelos alunos diante de sua experiência escolar e, ao mesmo tempo, as dificuldades da unidade escolar em criar possibilidades para que tais condutas assumam a forma de um conflito capaz de ser gerido no âmbito da convivência democrática. Aponta também que essa relação entre adultos e adolescentes mediada pela escola é um reflexo maior das relações que se estabelecem entre esses jovens e a sociedade em geral. (SPOSITO, 2001. p. 124)

Ao lidar com agressões em um ambiente educativo principalmente, é necessário compreender o sujeito em sua totalidade entendendo que a sua história de vida, embora seja singular, não é um processo interior independente da sociedade, cujos sujeitos estão inseridos nela.

É que o social constitui o subjetivo, definindo a forma pela qual o indivíduo vai se posicionando frente aos diferentes espaços sociais pelos quais transita. Diante disto, Camacho (2001), ressalta que:

As agressões entre pares são cometidas principalmente nos intervalos entre as aulas, nos pátios, no recreio e nos corredores. Na sala de aula sua incidência é menor embora esteja presente de uma forma mascarada, isto é, disfarçada como uma brincadeira. Isto sugere uma relação entre o aumento de maus tratos e agressões a uma maior possibilidade de impunidade, pela não presença de professores. (CAMACHO, 2001, p. 91)

Portanto, mesmo com toda a dificuldade que possa acarretar o que pressupões- se que deve fundamentar a elaboração de uma proposta de intervenção, com a finalidade de prevenir a violência na escola, é que esta é multideterminada, com muitas questões a serem analisadas, pois os sujeitos que assim procedem fazem parte da sociedade e de grupos sociais. Não cabe, portanto, isolar um ou outro aspecto e se restringir a agir sobre eles, pelo comportamento que deixa a desejar.

1.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA

Na atualidade, a violência é hoje uma das principais preocupações da sociedade. Ela atinge a vida e a integridade física das pessoas, perturba psicologicamente e traz prejuízos aos seres humanos. É um produto de modelos de desenvolvimento que tem suas raízes na história e que perdura em meio ao povo.

A violência é um problema social que está presente nas ações dentro das escolas, e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo. Isso não deveria acontecer, pois a escola é lugar de formação da ética e da moral dos sujeitos ali inseridos, sejam eles alunos, professores ou demais funcionários.

Diante disto, embora a definição de violência inclua apenas os atos intencionais; inclui-se, portanto, os acidentes, há muitos questionamentos sobre a atribuição dessa última qualificação para os eventos provocados por imprudência, descumprimento de leis e regras, abuso da velocidade e uso concomitante de álcool como violência maior, que também pode chegar à escola pelos estudantes. Assim, expõe-se os tipos mais comuns de violência em nossa sociedade:

Violência Física: A violência física é o uso da força com o objetivo de ferir, deixando ou não marcas evidentes. São comuns, murros, estalos e agressões. **Violência Psicológica:** A violência psicológica ou agressão emocional **Violência verbal:** A violência verbal não é uma forma de violência psicológica. A violência verbal normalmente é utilizada para oportunizar e incomodar a vida das outras pessoas.[...]. **Violência sexual:** Violência na qual o agressor abusa [...] (ABRAMOVAY, 2009, p. 01)

Além destes estipulados, existem outros tipos de violência contra a integridade humana; comportamentos intrigantes que marcam o nosso tempo, como a prática de violências sem nenhum motivo aparente, insistentemente presentes na mídia; grupos de adolescentes e jovens que trafegam com seus de forma irresponsável, causando acidentes e mortes; espancam mulheres na rua por preconceitos; depredam espaços públicos; agredem outros adolescentes e jovens, sozinhos ou em menor número; sofrem e praticam bullying.

Como resultado do desenvolvimento contemporâneo em que “Temos a competição desenfreada, a lei da vantagem, o individualismo exacerbado, o consumismo. Se falta sentido, vínculo, sentimento de identidade e de pertença, falta o próprio sujeito - não há reprodução simbólica da sociedade. (MELO, 2010, p. 41).

Antigamente, não existia os termos criança ou adolescente, a criança não tinha infância, era considerado um adulto jovem, sujeito a encarar responsabilidades e compromissos. A este propósito, Aries (1988, p. 11) afirma que “passava-se diretamente de criança muito pequena a adulto jovem, sem passar pelas várias etapas da juventude de que eram talvez conhecidas antes da Idade Média e que se tornavam o aspecto essencial das sociedades evoluídas dos dias de hoje”.

Diante disto, a educação da criança não era assegurada pela família. Cedo as crianças se envolviam com os adultos em atos sociais tradicionais, de ajuda aos pais, nos labores habitacionais no caso das meninas e nos meninos na conservação dos bens e negócios familiares e trabalhos diversos.

Assim, eram adquiridos conhecimentos e valores essenciais à sua formação, atribuídos por grupos ao qual pertenciam e compartilhavam. Freud (19867) enfatiza que o Homem tem uma predisposição inata para a violência, nasce e cresce num ambiente violento, porque também a sociedade é violenta e este é conduzido por vezes sem muita educação e na formação social. Freud (1987) afirma que:

[...]Estudos realizados a delinquentes comprovaram que graves distúrbios da socialização acontecem quando a identificação com os pais é desintegrada através de separações, rejeições e outras interferências com os vínculos emocionais existentes entre a criança e as figuras parentais. Reforça ainda que o cidadão normal, perante a lei, perpetua a posição infantil de uma criança ignorante e complacente, em face aos seus pais oniscientes e onipotentes. O delinquente perpetua a atitude da criança que ignora ou menospreza, ou desobedece à autoridade parental e actua em desafio desta. (FREUD, 1987, p. 162)

Diante da questão, percebe-se que as relações entre a violência e a educação partem de diferentes perspectivas teóricas e, conseqüentemente, acabam por definir e analisar o fenômeno de modos distintos. Alguns dos temas mais pesquisados são os diferentes tipos de violências, como física, verbal, simbólica; e suas manifestações, a perda da função socializadora da instituição escolar (os valores da cultura e a ausência de legitimidade do professor, as relações entre a violência e a formação dos professores, as características das escolas que apresentam os maiores índices de casos).

No entanto, há relações entre a violência e o desempenho dos alunos, o bullying, com ênfase no perfil das vítimas e dos agressores e as relações com o contexto familiar dos alunos. “A história da educação do homem tem nos legado grande contribuição quanto à manifestação da indisciplina, que pode ter sua origem no desgaste das relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula”. (GARCIA, 2009, p.101).

Diante do exposto, percebe-se que a educação necessariamente dita, que é repassada a pela família, precisa ser levada mais a sério, para que haja uma preparação do sujeito que vai se tornar um aluno e que precisa de limites no ambiente escolar.

Entretanto, “Sabemos que as dificuldades em sala de aula fazem parte do cotidiano de alunos e professores, e, que, o descaso é um tipo de violência que muitas vezes a própria escola não a percebe como tal, e com o passar do tempo só tende a se agravar”. (GARCIA, 2009, p.108). Entretanto, quando a indisciplina interfere no processo de ensino e aprendizagem, precisa ser enfrentada para benefício do aluno, da família e de toda a sociedade.

“A história da educação do homem tem nos legado grande contribuição quanto à manifestação da indisciplina, que pode ter sua origem no desgaste das relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula. (GARCIA, 2009, p.101)”. É na sala de aula que se agrava os atos indisciplinados, sendo que na escola, há a junção de encontros de alunos com suas diferenças e diversidades culturais, costumes, modo de viver e de se manifestar diante da vida.

A violência, gerada pela indisciplina, constitui um grande problema para as instâncias sociais, quer seja na família, escola, igreja ou até mesmo no ambiente

profissional. As relações humanas são necessárias para que os laços de amizade e respeito perdurem no contexto escola e familiar.

A indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional”. Assim, a indisciplina deve ser analisada levando em consideração todos os aspectos que influenciam o indivíduo: relações humanas com familiares e amigos, momento histórico do aluno, sua história de vida e a conduta apresentada durante as atividades em sala de aula e no contexto escolar. É preciso levar em consideração “o modo como o aluno desempenha as atividades pedagógicas e a maneira como interage com as demais pessoas, objetos, patrimônio público, meio ambiente, [...] (GARCIA, 2009, p. 102).

O ambiente escolar é onde se consolidam as interações sociais dos alunos, dos professores que também estão inclusos neste contexto e demais recursos humanos que integram a instituição. Por isso, é um ambiente onde pode-se observar a ocorrência da indisciplina, da violência, da falta de limites, das relações sem muitas afinidades e pouco amigáveis.

Ao considerar o modo como o professor conduz seus trabalhos, de forma rígida e hierarquizada ou participativa, as atitudes por parte dos alunos podem ser apenas um retorno do tratamento ao qual recebem, ao integrar-se com a formação recebida pelos pais no ambiente familiar. Outra questão a ser considerada diz respeito ao planejamento das aulas, com dinâmicas ou estratégias que fascinam os alunos, fazem a diferença; pois é fundamental para o sucesso do exercício da aula, para a concepção do conhecimento e aprendizagem do aluno. Almeida (2009), afirma que:

A indisciplina encontrada nas escolas pode ser puramente comportamental, devido ao histórico familiar do aluno, carente de modelos favoráveis ao bom relacionamento social e total perda dos valores patrimoniais e culturais, mas, pode ser também o resultado de uma educação escolar pouco comprometida com o planejamento da aula oferecida ou ainda da falta de um diálogo entre pais, alunos, educadores e gestores, para estabelecer metas educacionais a serem alcançadas; limites a serem respeitados, compromissos a serem cumpridos, afeto e cidadania a serem exercitados dia-a-dia. Posto que, é função da escola, propiciar condições para o bom desenvolvimento dos alunos no ensino e a aprendizagem e é atribuição do aluno contribuir para que essas condições sejam favoráveis a todos. (ALMEIDA, 2009, p. 152)

Mediante a questão, tanto os professores quanto da sociedade devem estabelecer medidas contra certa fragilidade dos ambientes frequentados pelos alunos, contando que reflita a educação familiar e especialmente a formação ética

e moral destinada para a base de uma boa convivência em sociedade. em tudo concordam com os jovens estudantes, à imagem das famílias.

Segundo Garcia (2009, p. 98) “o gesto indisciplinado de um aluno pode estar associado tanto a questões comportamentais quanto ao período vivenciado pelo aluno, violência familiar ou social, ausência de afetividade ou problemas hormonais”. É na educação familiar que começam as qualidades do seu humano, a partir das condições básicas aos valores morais e éticos para se viver em sociedade.

A família, responsável pela educação propriamente dita, precisa da presença dos pais para que se consolide a formação que seus filhos precisam para continuar na escola e em outros ambientes aos quais vai fazer parte. A escola, ambiente de escolarização e adaptação educacional, faz sua parte com a consolidação dos saberes necessários para o indivíduo viver bem e em paz na sociedade.

Muitas das escolas ainda praticam uma “Pedagogia Tradicional, proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria através de aulas expositivas, devendo os alunos prestarem atenção e realizar exercícios repetitivos, a fim de memorizar e reproduzir a matéria ensinada. (PCNs, 1998, p.56).

Além disso, as expectativas da escola devem refletir não uma disposição autoritária elaborada por um determinado grupo responsável por processos decisórios na escola, mas uma orientação de base consensual que reflita a contribuição de toda a comunidade ligada à escola, e não apenas dos profissionais da educação que nela atuam ou que pretendam mudar o curso das diretrizes que a educação escolar permite.

Diante disto, a ausência de bases democráticas no modo como se articulam as relações entre professores e estudantes no interior da escola, pode desencadear resistência e contestação por parte dos alunos às próprias regras da escola, o que deve ser considerado uma expressão de indisciplina e pode gerar a violência. Por outro lado, os educadores que convivem com as peculiaridades da sala de aula tendem a buscar a realidade para melhor compreensão da atitude dos alunos.

Muitas das hostilidades que assolam o cotidiano educacional estão relacionadas com a gestão ou com o modelo pedagógico. Professores faltantes, horários desorganizados, salas abarrotadas de crianças e quadras de esportes insuficientes para que os adolescentes sublimem parte de suas energias podem aumentar a probabilidade de indisciplina - que se desdobra em atos de fúria (ALMEIDA, 2009, p. 01).

Na realidade, o professor tem que manter ao lidar com toda a instabilidade em seu cotidiano. Como ensinar não é de modo nenhum, manejar certezas; mas trabalhar com inteligência as incertezas, vê-se que sendo função vital que se confunde com a vida, não poderia fantasiar propostas contraditórias com a criatividade e com a fragilidade da vida de quem precisa da educação escolarizada.

Como afirma Demo (2000, p. 75) na escola formam-se pessoas e os professores vêm assumindo papéis além daqueles explicitados na formação tradicional, esses profissionais incorporaram os papéis de líderes, psicólogos, pais, além de simples seres humanos, assumindo uma polivalência que só um agente educacional tem a condição necessária para assumir.

Cabe à escola, afinal, fazer sua parte, que é a Pedagogia, seus métodos e suas organizações internas. Isso inclui construir coletivamente regras sociais sobre procedimentos, deveres e direitos que mencionem as consequências para quem descumpri-las. Assim, todos ficam satisfeitos e se sentem agentes de sua história. (ALMEIDA, 2009, p. 01).

Assim, é provável que o aluno não apreenda bem os ensinamentos do professor e tenha razões com variáveis externas incontrolláveis, e mesmo internas ao sistema educacional como vícios de aprendizagem, incapacidade dos ciclos educacionais anteriores e atuais; e também confere-se desinteresse, podendo externá-lo na forma de indisciplina.

Na realidade, a escola é o espaço do saber e isso significa que as que os conhecimentos das principais teorias que embasam os temas curriculares devem está presente no cotidiano do aluno. E os valores éticos e morais deve está também sendo trabalhados neste contexto.

O professor tem a função, normalmente complexa de instigar, provocar, desafiá-lo a contribuir, e a de desenvolver a capacidade de raciocínio, de posicionamento do aluno. Para isso o docente precisasse capacitar e construir ambiente propício levando o aluno a fazer análise criticadas coisas, alcançando autonomia e a expressando-se com desenvoltura (MORAN, 2011, p. 11).

Muitas instituições como a escola e família, têm dificuldades de impor limites aos alunos e ou filhos, porque eles próprios não os têm o exemplo para que a criança se espelhe. Também, muitos pais não dão limites por culpa de não estarem mais presentes na vida dos seus filhos e acham que se os repreenderem serão menos amados por eles.

Porém, uma coisa tem-se a certeza, é que se os pais não derem limites aos seus filhos, não se ocuparem efetivamente da educação deles, outros se ocuparão em fazê-lo, como os programas de televisão, os videogames, o consumismo, as más companhias, grupos sociais formados de qualquer maneira, com seus saberes por vezes tortuosos.

Nosso desafio maior é caminhar para uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano, inclusive a comportamental, resultante das adversidades comuns ao ambiente social e escolar. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesma do sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social. E até agora encontramos poucas pessoas que estejam prontas para a educação com qualidade (MORAN, 2011, p. 12).

Teoricamente, Demo (2000) afirma que “a educação é algo político e não apenas técnico. Nesse aspecto o problema do docente é de qualidade formal e política”. Por sua vez, em relação à qualidade formal, o professor precisa deter a formação adequada, pois a pedagogia é a área especializada em termos de competência técnica em sistema conveniente de atualização constante, seja porque a atividade de professor está no auge para o rol das facilitadas e quando marcada, é pela seleção negativa de quem não entende de educação.

O profissional deve saber direcionar a formação básica em qualquer instância, quer seja do ensino fundamental ao nível superior, o que é essência para educação, e mola propulsora da cidadania e da produtividade e a preparação do sujeito para a vida em sociedade.

Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Fala-se muito de ensino de qualidade. Muitas escolas e universidades são colocadas no pedestal, como modelos de qualidade. Na verdade, em geral, não temos ensino de qualidade. Temos alguns cursos, faculdades, universidades com áreas de relativa excelência. Mas o conjunto das instituições de ensino está muito distante do conceito de qualidade (MORAN, 2011, p. 12).

Diante disto, compreende-se que a noção de cidadania vasta, ainda precisa ser revista; incluindo a valorização profissional, sobretudo em termos de remuneração e carreira. A questão salarial, muito em evidência, não resolverá problemas de capacitação do professor e sim necessita-se de conhecimentos e habilidades para lidar com o aluno em sala de aula.

Mediante a situação, a formação básica é aprender a aprender, saber pensar, informar-se e refazer todo dia a informação, questionar e se preparar para a sociedade com conhecimentos pertinentes e, sobretudo com a formação educacional e psicológica como base para o exercício do papel de sujeito participativo e produtivo e ciente de seus deveres como cidadãos.

Para Demo (2000) “é fundamental aprender a conviver com os limites buscando transformá-los em desafio, desta forma, precisamos aprender a ultrapassar barreiras, buscando valorizar o aluno e experimentar crer que eles podem nos dar mais do que esperamos e essa mudança deve partir dos professores”. Desta forma.

O ambiente familiar, sob a responsabilidade dos pais deve colocar os limites, os parâmetros, as regras, para que a disciplina ocorra. Esta, junto com os limites, é que vão formar o caráter da criança e determinar sua personalidade com autocontrole, buscando espontaneamente aquilo que lhe dá prazer, que satisfaz seus desejos, sua curiosidade e suas necessidades. Imatura ainda em sua consciência, a criança não tem a capacidade de se colocar no lugar do outro. Estando na fase do egocentrismo e incapaz de pensar ou sentir pelo outro, o que deve ser direcionado pela família.

[...], espera-se que as dificuldades no ensino-aprendizagem sejam minimizadas através da expectativa pela inteligência do aluno por parte do professor. Um professor competente, técnica e politicamente (que saiba equilibrar a ambos), é capaz de arquitetar a formação adequada, estabelecendo o ambiente do aprender a aprender, do saber pensar, do questionar criativamente (HENRIQUE, 2011, 03).

Neste sentido, ao esperar um bom rendimento do aluno, o professor deve buscar e criar meios para que este aprenda efetivamente e o motiva a isso, a partir das boas maneiras e como lidar com o diferente. O sucesso do ensino dependerá da motivação tanto do professor, quanto do aluno e expectativa exposta sob a medida do contexto a que se está inserida, pode ser um grande começo para o bem de todos na escola.

Assim, a expectativa do professor derruba a barreira entre este e o aluno, pois o conduz a construir algo e vai além, faz com que este mesmo aluno se apaixone pelo objeto de desejo do que construiu. No nível superior, o professor, intencionalmente, incita o aluno a se envolver com o conteúdo de forma profissional,

evitando obviamente ultrapassar o limite para não desvirtuar o foco; ou seja, o aprendizado.

Isso torna claro que o professor deseja que o aluno vá além do conhecimento, buscando através da investigação, respostas para suas dúvidas, quebrando paradigmas e associando as descobertas aos seus conhecimentos. O buscar pelo saber nunca é demais, já que o ser humano é complexo e só cresce com as complexidades da vida.

Conforme menciona Freire (2000, p. 72), “o professor pode utilizar-se das falas diretas e indiretas; ou seja, é um grande influenciador e tem que assumir seu papel social, buscando aproveitar o melhor da relação professor-aprendiz”. Em sua mãos está o poder de persuasão e argumentos, pois detém a capacidade de dialogar e explicar através da influência que exerce no ambiente escolar.

Neste sentido, os adultos, quer sejam professores ou responsáveis, são os únicos responsáveis pela educação das crianças que cuidam. Assim, é muito importante que estas, aprendam valores e saiba a importância de ser solidária, de partilhar, de respeitar a si mesma e aos outros, de ter compromisso e responsabilidades com seus atos. E é preciso que os condutores da educação da criança compreendam que não podem abster as crianças das frustrações, pois é dessa forma que elas amadurecem e se tornam aptas para enfrentar a vida, tornando-se jovens e adultos saudáveis e seguros.

Porém, Henrique (2011, p. 04) enfatiza que “é através da comunicação que o professor consegue reduzir as dúvidas e incertezas advindas das questões levantadas, às quais ele mesmo estimula que sejam, pelos alunos”. Isto, é por que além de ser uma ferramenta para atuação eficiente faz com que se defenda ideias e fortaleça a relação de aprendizagem criando um sentido de participação ativa e comunicativa com o aluno .

Quando refere-se à educação moral, o ideal é que ocorra uma reflexão por parte de todos, visto que não há como ter educação sem reflexão. A formação de valores, hábitos que o indivíduo terá como base por toda a sua vida, em conjunto com a criação familiar, é adquirida em sua maior parte na educação Infantil. Baseado nessa colocação surge a necessidade de alertar os educadores da educação infantil, visto que esses são responsáveis em grande parte pelo processo educacional de valores da criança na fase inicial de sua vida.

Entendemos por violência uma realização determinada de força tanto em termos de classes sociais quanto em termos interpessoais. Em lugar de tomarmos a violência como uma violação e transgressão de normas, regras e leis, preferiram considerá-la sob dois ângulos. Em primeiro lugar, como uma conversão de uma diferença e de uma assimetria, numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e de opressão (KOEHLER, 2008, p. 03).

Nesta questão, trata-se da conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade em relação entre superior e inferior. A violência é um problema social que está presente nas ações dentro das escolas, e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo. Isso não deveria acontecer, pois escola é lugar de formação da ética e da moral dos sujeitos ali inseridos, sejam eles alunos, professores ou demais funcionários que lidam e lutam pela educação.

Mas o que vê-se são ações representadas pelo poder e autoritarismo dos professores, coordenação e direção, numa escala hierárquica, estando os alunos no meio dos conflitos profissionais que acabam por refletir dentro da sala de aula.

Ao mesmo tempo que ela expressa relações entre classes sociais, expressa também relações interpessoais (...) está presente nas relações intersubjetivas, aquelas que se verificam, entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, entre profissionais de categorias distintas. Seu resultado mais visível é a conversão de sujeitos em objetos, sua coisificação. (...) A violência é simultaneamente negação de valores considerados universais: a liberdade, a igualdade, a vida. (KOEHLER, 2008, p. 03).

A Violência por sua vez, vem da indisciplina, tornando-se a negação de valores éticos e morais. É de extrema importância que todo educador tenha a consciência de transmitir princípios para seus alunos, visto que esses serão norteadores de sua própria vida, inclusive colocando seu ponto de vista diante de uma determinada situação.

Baseado na importância que os educadores, consequentemente a escola precisa priorizar na formação educacional de valores dos seus alunos, como uma questão de reflexão, bem como para contribuição da formação da cidadania. É no ambiente escolar que as relações do dia a dia deveriam traduzir respeito ao próximo, através de atitudes que levassem à amizade, harmonia e integração das pessoas, visando atingir as metas propostas no Projeto político Pedagógico da instituição e atingir os objetivos almejados nas aulas planejadas.

A violência escolar pode envolver tanto a violência entre Classes Sociais (violência macro) como a Violência Interpessoal (violência micro). No primeiro caso, a escola pode ser cenário de atos praticados contra ela (vandalismo, incêndios criminosos, atentados em geral). No entanto, a escola - enquanto organismo de mediação social - também pode ser veículo da violência de classe: a violência da exclusão e da discriminação cuja resultante maior tem sido o fracasso escolar (KOEHLER, 2008, p. 03).

Diante do exposto, verifica-se que a indisciplina é uma forma de violência muito comum em nossas escolas; por isso vem preocupando toda a sociedade e em especial os pais e os professores. Esta preocupação justifica-se pelo fato de que cada vez mais crianças e jovens são vítimas ou agentes dessa violência, que aflige a todos, pais, filhos, professores e comunidade, e está, dentre nossos comportamentos aquele que mais nos rouba a condição humana; por isso se impõe como um grande desafio a exigir superação e, para tanto, a participação e contribuição de todos.

Condizente a isso, padrões de comportamento, desenvolvimento social, inibição dos impulsos e anseios não se desenvolvem sozinhos. É preciso ensinar tudo isso à criança. E, não é nada fácil desagradá-la, frustrá-la, impedi-la, mas essa é a função dos pais e também dos professores, a de dar um “norte”, um rumo, porque na vida tem-se que estar seguro e confiante para poder enfrentar todas as vicissitudes que por ventura surgirem.

[...], espera-se que as dificuldades no ensino-aprendizagem sejam minimizadas através da expectativa pela inteligência do aluno por parte do professor. Um professor competente, técnica e politicamente (que saiba equilibrar a ambos), é capaz de arquitetar a formação adequada, estabelecendo o ambiente do aprender a aprender, do saber pensar, do questionar criativamente (HENRIQUE, 2011, 03).

Assim, ao esperar um bom rendimento do aluno, o professor deve buscar e criar meios para que este aprenda efetivamente o que o motiva a isso. O sucesso do ensino dependerá da motivação tanto do professor, quanto do aluno e a expectativa explicitada sob a medida do contexto a que se está inserida, pode ser um grande começo, bem como a subestimação pode ser um obstáculo.

Todavia, devido às exigências atuais, os pais cedo colocam os filhos em creches ou educação em ambientes infantis. Chegam à casa exaustos, de um dia de trabalho, têm ainda as lidas domésticas ou trazem trabalho para casa. A criança

é colocada sozinha a ver televisão ou a brincar sem um adulto que lhe dê atenção e nem com ela converse.

A relação familiar centra-se prioritariamente nas necessidades físicas da criança, ou seja, na alimentação, na higiene, no descanso, brinquedos muitas vezes nem tão apropriados. Também confere a educação que a família atribui aos filhos, que são os valores éticos e morais. Como Assegura Melo (2010),

Além disso, existe a violência presente nas ruas das cidades, a violência doméstica, os latrocínios, os contrabandos, os crimes de colarinho branco têm levado jovens a perder a credibilidade quanto a uma sociedade justa e igualitária, capaz de promover o desenvolvimento social em iguais condições para todos, tornando-os violentos, conforme esses modelos sociais. (MELO, 201, 152)

Atualmente na infância, a criança se depara com as novas tecnologias, que imediatamente as seduzem e permitem a aquisição de novos saberes, mesmo de forma solitária. Há a aquisição de conhecimentos, e o contexto tecnológico vai aprimorar a eficiência de sua busca por algo mais complexo.

Assim, seu conhecimento vai progredindo através das informações que recebe do meio onde se insere, do meio familiar, do grupo de pares, da escola, dos meios audiovisuais e tudo é um recurso viável para descobrir coisas novas. Por isso, precisa-se preocupar-se com objetos que possam instigar a violência e a indisciplina, mesmo em forma de um brinquedo inofensivo.

Também devemos considerar a violência que acontece fora das escolas, como a presença de armas e, por outro lado, a situação socioeconômica complicada de algumas escolas. As escolas produzem as suas próprias violências. A violência na escola se deve ao “clima escolar”, quer dizer, não vem de fora para dentro da instituição de ensino. Esse fator também acontece, mas as escolas são responsáveis pela reprodução de uma violência interna (ABRAMOVAY, 2009, p. 01)

Diante do exposto, a violência pode igualmente ser considerada de âmbito público ou de âmbito privado. A primeira é mais visível, influi e distorce a imagem da sociedade, como se fosse a culpada pelos desvios de conduta. É a que mais preocupa o Estado, pois é geradora de polémica. Mas esta, apenas está congregando o que o sujeito traz e conduz.

A segunda é mais recôndita, como é o caso da violência familiar, com o cônjuge ou com os descendentes, que pode-se tornar a mais perigos, já que vem de um ambiente onde a criança detém laços de amor e afinidades. E por vezes, a

educação que vem d família, está meio fragilizada. Mas a escola deve trabalhar este aspecto, para que não se solidifique uma forma de diferente de comportamento.

Muitas das escolas ainda praticam uma “Pedagogia Tradicional, proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria através de aulas expositivas, devendo os alunos prestar atenção e realizar exercícios repetitivos, a fim de memorizar e reproduzir a matéria ensinada” (PCNs, 1998, p.56).

Assim, as expectativas da escola, devem refletir não uma disposição autoritária elaborada por um determinado grupo responsável por processos decisórios na escola, com projetos pedagógicos, regras, normas e limites impostos em nome da educação; mas uma orientação de base consensual que reflita a contribuição de toda a comunidade ligada à escola, e não apenas dos profissionais da educação que nela atuam.

A violência pode ainda ser estrutural ou conjuntural, sendo que a primeira afeta uma parte significativa da população e várias instituições. A violência estrutural é uma doença crónica, pois é instalada numa parte da sociedade e vai criando metástases por toda ela, espalhando-se como uma rapidez considerável. A sua cura reside num projeto eficaz, coordenado entre as instituições para solucionar a problemática em questão.

Já a violência conjuntural registra-se em momentos ocasionais e mesmo que não se vislumbre uma solução, com o passar do tempo é esmorecida. Os motins de população descontentes com as portagens ou traçados de autoestradas são exemplos de violência conjuntural. Diante disto, Garcia (2009) afirma que,

Além de “constituir um “problema”, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional”. [...] “o modo como o aluno desempenha as atividades pedagógicas e a maneira como interage com as demais pessoas, objetos, patrimônio público, meio ambiente, etc.” (GARCIA, 2009, p. 102).

Por isso, que a indisciplina deve ser analisada levando em consideração todos os aspectos que influenciam o indivíduo, como as relações humanas com familiares e amigos, momento histórico do aluno, sua história de vida e a conduta apresentada durante as atividades em sala de aula e no contexto escolar. É preciso levar em consideração todo um conjunto psicológico, de equilíbrio e comportamento.

É que atos violentos estão sustentados por valores, crenças, sobre o bom e o mau de uma ação que força o indivíduo a operar de acordo com essa convicção. Nos ambientes escolares, as relações do dia a dia deveriam traduzir respeito ao próximo, através de atitudes que levassem à amizade, harmonia e integração das pessoas, visando atingir os objetivos propostos no projeto político pedagógico da instituição e em toda a ação pedagógica interdisciplinar.

Muitas das hostilidades que assolam o cotidiano educacional estão relacionadas com a gestão ou com o modelo pedagógico. Professores faltantes, horários desorganizados, salas abarrotadas de crianças e quadras de esportes insuficientes para que os adolescentes sublimem parte de suas energias podem aumentar a probabilidade de indisciplina - que se desdobra em atos de fúria (ALMEIDA, 2009, p. 01).

Em relação ao papel de educador, a melhor forma de participar no processo da construção da cidadania dos futuros cidadãos, podendo contribuir para o sucesso na formação dos futuros cidadãos, é trabalhar a reciprocidade, a simpatia e respeito entre professor, aluno e colegas simultaneamente, proporcionando um trabalho construtivo, em que o educando seja tratado como pessoa e não como número, desenvolvendo qualidades e virtudes.

Assim, os objetivos seriam facilmente alcançados; e muitos dos problemas disciplinares, resolvidos com maior cautela, sem dramatização, onde um simples comentário pudesse solucionar o problema com eficácia

Sobretudo, o professor precisa estar sempre aberto às novas experiências, aos sentimentos e aos problemas de seus alunos. É claro que a responsabilidade da aprendizagem está ligada ao aluno, mas essa deve ser facilitada pelo professor levando o aluno à auto-realização e à consciência que é responsável pelos seus atos disciplinares ou não.

Cabe à escola, afinal, fazer sua parte, que é a Pedagogia, seus métodos e suas organizações internas. Isso inclui construir coletivamente regras sociais sobre procedimentos, deveres e direitos que mencionem as consequências para quem descumpri-las. Assim, todos ficam satisfeitos e se sentem agentes de sua história. (ALMEIDA, 2009, p. 01).

Para a escola, a indisciplina é vista como um retrato comportamental do aluno fora dos seus muros, não considerando que também tem certo grau de responsabilidade na construção de um comportamento indisciplinado. A escola pode

gerar indisciplina pelo fato de impor regras aos alunos não levando em consideração seus aspectos cognitivos e culturais esperando que eles as entendam e as cumpram

Portanto, é uma questão implica tanto a família quanto a escola, de suas responsabilidades educacionais. A escola não pode e não deve substituir o papel da família. Não significando com isso que ela não possa construir seus valores sociais próprios, ou mesmo complementando e ampliando a vivência de cada aluno, desenvolvendo o senso crítico reflexivo para que construa melhor o seu caminho e se torne um sujeito que propague também a paz.

1.3 CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FAMILIAR NA ESCOLA

A família e a escola formam uma equipe. É fundamental que ambas sigam os mesmos princípios e critérios, bem como a mesma direção em relação aos objetivos que desejam atingir; cujos mesmos objetivos em comum, cada uma deve fazer sua parte para que atinja o caminho do sucesso, que visa conduzir crianças e jovens a uma condição educacional, a um futuro melhor.

O ideal é que família e escola tracem as mesmas metas de forma simultânea, propiciando ao aluno uma segurança na aprendizagem de forma que venha criar cidadãos críticos capazes de enfrentar a complexidade de situações que surgem na sociedade. Almeida (2009) afirma que,

A indisciplina encontrada nas escolas pode ser puramente comportamental, devido ao histórico familiar do aluno, carente de modelos favoráveis ao bom relacionamento social e total perda dos valores patrimoniais e culturais, mas, pode ser também o resultado de uma educação escolar pouco comprometida com o planejamento da aula oferecida ou ainda da falta de um diálogo entre pais, alunos, educadores e gestores, para estabelecer metas educacionais a serem alcançadas; limites a serem respeitados, compromissos a serem cumpridos, afeto e cidadania a serem exercitados dia-a-dia. Posto que, é função da escola, propiciar condições para o bom desenvolvimento dos alunos no ensino e a aprendizagem e é atribuição do aluno contribuir para que essas condições sejam favoráveis a todos. (ALMEIDA, 2009, p. 114)

A formação do aluno no ambiente e familiar faz a diferença na educação escolarizada. O aluno que apresenta mal comportamento na escola, tem em sua família uma referência distorcida da educação em si. Para a esta, é difícil abrir mão de seu papel de educadora; mas, a tarefa de lidar com crianças e adolescentes seria mais fácil se os pais admitissem, desde logo que, não podem esperar resultados melhores se não apoiam essa instituição, com suas ações construtivas.

Esta, por sua vez, vem contribuir para a vida do aluno na escola e corrobora que é essencial para o desenvolvimento. Ao analisar algumas questões que envolvem o comportamento dos alunos, nas instituições de educação, percebe-se variações nesses comportamentos, desde os louváveis até os tipos detestáveis, sendo que os últimos, em sua grande maioria, irritam e atrapalham o trabalho dos professores.

Desta forma, leva-se a crer que a indisciplina e a falta de limites destes com relação as responsabilidades com a escola e com a família, na sua formação, está sendo o grande empecilho demonstrante de que, essa educação está se deixando a desejar. E o ambiente escolar, responsável pela escolarização do sujeito, fica enfatizada como redenção para a situação.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 93 94/96) estabelece como direito da criança e dever dos pais e responsáveis, a educação de seus filhos pelo Poder Público.

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 5º O acesso ao ensino fundamental é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída, e, ainda, o Ministério público, acionar o Poder Público para exigi-lo.

Assim, entre os objetivos e metas traçadas pelo Plano Nacional de Educação (Lei nº 10172/01) está “promover a participação da comunidade na gestão das escolas, universalizando, em dois anos, a instituição de conselhos escolares ou órgãos equivalentes”. A LDB (9393/96) também contempla o maior envolvimento das famílias na vida escolar dos filhos e nas ações da escola.

Art. 12 Os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola; VII – informar os pais e responsáveis sobre a freqüência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica. (BRASIL, 1996)

É preciso contar com a parceria e esperar que as famílias aliadas dos professores, se interessem pela vida escolar dos filhos. Mesmo quando seus adultos são analfabetos espera-se que se sentem ao lado dos filhos no momento das atividades escolares de casa; pois, acredita-se que a família deseja a eles o melhor,

o sucesso escolar. Porém, essas posturas exigem certas condições objetivas como tempo disponível, valorização da escola, conhecimento das disciplinas e da rotina escolar, o que a maioria das famílias não possui.

Por isso, Prado (1981, p. 52) ressalta que a família, como toda instituição social, apresenta aspectos positivos, enquanto núcleo afetivo, de apoio e solidariedade. Mas apresenta, ao lado destes, aspectos negativos, como a imposição normativa através de leis, usos e costumes, que implicam, muitas vezes, em elemento de coação social, geradora de conflitos e ambiguidades.

Para o autor, apesar dos conflitos, a família é essencial no desenvolvimento da sociabilidade, da afetividade e do bem-estar físico dos indivíduos, sobretudo durante o período da infância e da adolescência. A ênfase nesses períodos ocorre, justamente, por serem mais críticos na constituição da identidade do sujeito, para o qual a família poderá servir de referência no processo de desenvolvimento em todos os aspectos.

Ao mencionar sobre a família atual, esta exige, de início, que se registre não existir um “modelo” de família, e sim uma diversidade de modelos familiares singulares, com identidades próprias, mas que mantêm entre si inúmeros traços em comum.

Todavia, a partir dessas novas configurações da estrutura familiar, utilizar terminologias como “família desestruturada” para se referir a alguma composição familiar distinta do padrão historicamente legitimado não encontra mais repercussão; pois, presencia-se um conjunto de novos e diferenciados arranjos familiares existentes no meio social. Sob tal perspectiva, cabe aos profissionais da educação compreender as famílias de seus alunos como portadoras de semelhanças e diferenças, e respeitar a constituição da família de cada aluno dando-lhes tratamento igual, juntamente a partir das utopias, construindo sua materialidade, na busca e na crença de que a escola de qualidade é possível consolidar mudanças no seu interior, tendo a família como aliada.

1.4 FATORES CONTRIBUINTES PARA A VIOLÊNCIA NA ESCOLA

A violência tanto na escola como em outros ambientes, pode ser revestida de diversas formas, mas num sentido restrito, pode ser definida como uma ruptura brusca da harmonia num determinado contexto, podendo ser sob a forma de

utilização da força física, psíquica, moral, ameaçando ou atemorizando os outros, que é um de seus objetivos. Assim, um ato violento só é de fato um problema se a maioria da sociedade o considerar que o é; ou seja, se for tipificado e reconhecido como tal, aos olhos de todos.

A escola era anteriormente e ainda hoje se regista, alunos com menos capacidades intelectuais. São estigmatizados, rotulados, esquecidos no fundo das salas de aula. Ao fazê-lo, criam focos de revolta por parte daqueles que legitimamente se sentem marginalizados. A escola atualmente, que se autointitulado de inclusiva, não o é de fato. A este propósito Delors (1996, p. 48) aconselha os "sistemas educativos" a não se habilitarem a conduzir,

Por si mesmos, a situações de exclusão. O princípio de emulação, propício em certos casos, ao desenvolvimento intelectual pode (...) ser pervertido e traduzir-se numa prática excessivamente selectiva, baseada nos resultados escolares. Então, o insucesso escolar surge como irreversível, e dá origem, frequentemente, à marginalização e exclusão sociais. (DELORS, 1996, p. 48)

Na realidade, as escolas não estão preparadas para enfrentar a complexidade dos problemas atuais, designadamente os que se prendem com a gestão das suas tensões internas. A crescente participação dos alunos, pais, entidades públicas e privadas nas decisões tomadas nas escolas, tornou-se uma fonte de conflitos e não raramente terminam em situações de descontentamento e de agressividade.

As associações de pais, quando funcionam, encaram muitos dos professores como incompetentes que aproveitam todas as ocasiões para se furtarem às aulas ou ignorar o que acontece em seu interior, para não terem que enfrentar os alunos e os problemas daí adjacentes.

Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Fala-se muito de ensino de qualidade. Muitas escolas e universidades são colocadas no pedestal, como modelos de qualidade. Na verdade, em geral, não temos ensino de qualidade. Temos alguns cursos, faculdades, universidades com áreas de relativa excelência. Mas o conjunto das instituições de ensino está muito distante do conceito de qualidade (MORAN, 2011, p. 12).

A violência é na sua maior parte protagonizada pelos jovens, que se agrupam, formando subculturas, habitualmente no seio da área urbana, adquirindo

formas de vestir, agir ou pensar muito características que os personalizam. Os hippies, os rockers, os skinheades, entre outros são exemplos bem conhecidos de grupos inadaptados aos padrões da sociedade.

Ademais, a questão da violência física, moral e psicológica contra os agredidos que, fazem parte da escola, preocupa em demasia a gestão escolar e seus coordenadores, os quais são levados a tomarem medidas drásticas contra esses, numa decisão de comum acordo com os professores, de suspensão temporária das atividades escolares, entre envolvimento dos pais na condução do fatos.

E alunos que se identificam tendem a participar destes grupos. Melo (2010) enfatiza que:

A violência é hoje um dos maiores problemas de saúde, no Brasil e no mundo. Os dados são contundentes: no mundo, mais de 1.6 milhão de mortes/ano e mais de 16 milhões de internações hospitalares/ ano são causadas pela violência; mais de 4.000 pessoas morrem, por dia, por homicídio ou suicídio. No Brasil, foram registrados 48.032 homicídios no ano de 2005 (MELO, 2010, p. 28).

Mediante o exposto, os comportamentos violentos na escola têm uma intencionalidade lesiva. Podem ser exógenos, ou seja, determinados de fora para dentro, como acontece nos bairros degradados invadidos pela miséria e pela dependência de substâncias tóxicas, onde agentes estranhos ao meio o invadem e destroem. Pode tratar-se de violência contra a escola, em que alunos problemáticos assumem um verdadeiro desafio à ordem e à hierarquia escolares, destruindo material e impondo um clima de desrespeito permanente.

Podem ser também simplesmente por comportamentos violentos na escola, que ocorrem sobretudo, quando esta não organiza ambientes suficientemente tranquilos para a construção de valores característicos a este local. A violência pode ser desencadeada fruto de muitas situações de indisciplina que não foram resolvidas e que constituem a origem de um comportamento mais agressivo. Morin (2011) assegura que:

Nosso desafio maior é caminhar para uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano, inclusive a comportamental, resultante das adversidades comuns ao ambiente social e escolar. Para isso precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesma do sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma fácil entre o pessoal e o social. E até agora encontramos poucas pessoas que estejam prontas para a educação com qualidade (MORAN, 2011, p. 12).

O maior desafio também é driblar este problema. Trabalhar a religiosidade, a questão cultural, trazer a realidade para a escola, sem deixar a família de lado, expor responsabilidades e fazer ciência do que ocorre, trabalhando todas as questões de violência ocorrentes, seus significados, suas consequências e acima de tudo uma forma de eximi-la do cotidiano do sujeito. Sobretudo, trabalhar a questão a violência que ocorre na escola, especificamente em sala de aula, deve ser um assunto levado a sério; pois as mentes devem está preocupadas com assuntos que façam o ser humano progredir em conhecimentos e jamais regredir por desequilíbrio psicológico.

2 VIOLÊNCIA NA ESCOLA: DIFICULDADES E DESAFIOS DO PROFESSOR

2.1 E CONFLITOS NA ESCOLA: A NECESSIDADE DA EMPATIA

Quando se trata de conflitos no ambiente escolar, a arte da negociação e da mediação de conflitos pressupõe o bom uso da empatia, pois esta tende a mediar a situação. Assim, na linguagem popular, ser empático significa saber se colocar no lugar do outro. Enxergar o mundo através das lentes de outra pessoa, com os olhos do outro. Isso porque sabe-se que o mundo é visto sob diversas perspectivas e direções. Cada ser humano enxerga o mundo de acordo com o seu sistema de valores e crenças, créditos e visões diferenciadas; muitas vezes construído sob forte influência cultural e costumes específicos.

Segundo um dos maiores especialistas em inteligência emocional do mundo, o psicólogo Daniel Goleman (1998, p. 179), empatia significa “perceber o que outras pessoas sentem sem que elas o digam”. É preciso ter uma percepção aguçada para se estabelecer empatia; e prioritariamente ter interesse pelas pessoas. Somente assim é possível captar os anseios alheios além daquilo que é verbalizado. Sem referencia e sem rotulação, sem preconceitos de discriminação.

Referente aos problemas e conflitos, a mediação isso é fundamental. O mediador é um profissional que trabalha com muito mais do que as palavras e as propostas apresentadas na mesa de negociação. Ele sabe que muitas vezes aquilo que as partes trazem à tona não representa em essência o que sentem. Podem ser manifestações movidas pela raiva, pela mágoa, pela vergonha. Justamente por isso, a aproximação empática revela-se como elemento chave para o sucesso do procedimento de mediação.

É preciso ter inteligência emocional para intermediar conflitos e isto pode fazer o ser humano crescer. Assim, "...capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerir bem as emoções dentro de nós e nos nossos relacionamentos." (GOLEMAN, 1998, 142)

O que pode corrigir, poderosamente nesses tempos de individualismo, tornando-se uma e uma ferramenta eficaz para uma vida melhor, é a prática da empatia, que tem o poder de curar relacionamentos conflituosos, derrubar preconceitos, nos fazer pensar em ambições e até mesmo mudar o mundo, em uma época que falta o respeito e a credibilidade nas pessoas.

A empatia é o poder de favorecer aquilo que em mediação costuma-se chamar de “rapport, que é exatamente a conexão havida entre dois indivíduos, o que permite o fortalecimento de um vínculo de confiança e consequentemente a fluidez da comunicação em nível adequado para a construção de uma solução adequada para o conflito. Sem o estabelecimento do rapport, as partes poderão carregar consigo sérias desconfianças em relação ao mediador e à mediação em si, prejudicando integralmente o processo.

2.2 O PAPEL DA ESCOLA PARA A EDUCAÇÃO DO SUJEITO

Atualmente, formar uma escola democrática, como a que está sempre atenta à qualidade do relacionamento entre seus alunos, professores, pais e dirigentes, é preciso conhecer as personalidades de quem está inserido no contexto já que praticam-se, as relações sociais e são os melhores mestres em questão e moralidade e valores.

O professor e a cooperação para o diálogo reforçam o respeito mútuo, é determinante para o convívio democrático. Quanto ao educador, o seu desafio está para o conhecimento e as informações que possam orientar os princípios da construção da cidadania na escola. Nada melhor que haver esta mediação. É importante se como referenda a importância da escola, como espaço essencial de produção do conhecimento na sociedade contemporânea. Libâneo (1998b) propõe objetivos distintos que devem ser analisados e levados a sério, no ambiente escolar.

Eu venho propondo quatro objetivos para a escola de hoje. [...] eles formam uma unidade [...]. O primeiro deles é o de preparar os alunos [...] para a vida numa sociedade tecno-científica-informacional. [...] Para isso, é preciso investir na formação geral, isto é, no domínio de instrumentos básicos da cultura e da ciência e das competências tecnológicas e habilidades técnicas requeridas pelos novos processos sociais e cognitivos. Na prática, refiro-me a conteúdos [...] que propiciem uma visão de conjunto das coisas, capacidade de tomar decisões, de fazer análises [...]. Em segundo lugar, proponho o objetivo de proporcionar meios de desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas, ou seja, ajudar os alunos nas competências do pensar autônomo, crítico e criativo. Este é o ponto central do ensino atual, que deve ser considerado em estreita relação com os conteúdos, pois é pela via dos conteúdos que os alunos desenvolvem a capacidade de aprender [...]. O terceiro objetivo é a formação para a cidadania crítica e participativa. As escolas precisam criar espaços de participação dos alunos dentro e fora da sala de aula em que exercitem a cidadania crítica. [...] O quarto objetivo é a formação ética. É urgente que os diretores, coordenadores e professores entendam que a educação moral é uma necessidade premente da escola atual. Não estou pregando o moralismo [...] [...]. (LIBÂNEO, 1998b, p. 4-5).

Mediante isto, o que está em foco é a preocupação evidenciada pelo autor, que mostra seu empenho em propor aos diretores, pedagogos, professores, alunos; enfim, todos os envolvidos na escola, e em maior escala, na educação, que atentem para os momentos que compõem a unidade de sua proposta formativa e certamente bem promissora.

Diante desta realidade atual, que mostra um mundo em constantes transformações, ao mesmo tempo globalizado e individualizado, afetando indivíduos e grupos, evidenciando muitas culturas e, por conseguinte, muitos sujeitos e muitas relações; todos dentro de um mesmo contexto histórico que é a contemporaneidade, é preciso rever alguns conceitos. Sendo a escola um dos espaços sociais incluso neste contexto, ela sofre tais mudanças, mas também é parte constituinte desta realidade, formando esse homem contemporâneo, com todas as mudanças ocorrentes e sujeitas a dinamismos constantes.

Neste aspecto, pode-se então observar que os Parâmetros Curriculares Nacionais elaborados pela secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação (MEC), em 1998, ressaltam os objetivos do ensino fundamental e que os alunos sejam capazes de:

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; • Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; • Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais[...]; Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais; • Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente; • Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania; • conhecer o próprio corpo e dele cuidar, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva; Utilizar as diferentes linguagens - verbais, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação; saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos. (BRASIL, 1996)

Mediante os PCN, os profissionais da educação devem conhecer e tentar recriar novas formulações pedagógicas; mas para isso, é necessário que a formação deles próprios seja melhor, o que pressupõe uma reformulação na maneira de pensar o objetivo dessa educação de qualidade, que precisa preparar o sujeito para a sociedade e principalmente ao mundo globalizado.

É, pois, nessa condição que a educação escolar pode ocupar papéis na formação humana e intelectual, dedicando-se a preparar e possibilitar ao ser humano condições necessárias para que o mesmo possa desenvolver-se cognitivamente e, de posse dos diversos ensinamentos, saber viver em sociedade, de forma humana e respeitosa. Vieira (2007) afirma que:

[...]Não há dúvida que esta deve ser “ao mesmo tempo prática, racional e emocional”. Deve formar pessoas que sejam “capazes de compreender o mundo e criar seus projetos” aproveitando as oportunidades geradas pelo cenário que se desenha nos primeiros anos deste século [...]. Dentre os fatores que podem vir a contribuir para construir essa educação, vale a pena referir aqueles destacados por Braslavsky: 1) o foco na relevância pessoal e social; 2) a convicção, a estima e a auto-estima dos envolvidos; 3) a força ética e profissional dos mestres e professores; 4) a capacidade de condução de diretores e inspetores; 5) O trabalho em equipe dentro da escola e dos sistemas educacionais; 6) as alianças entre as escolas e os demais agentes educacionais; 7) o currículo em todos os seus níveis; 8) a quantidade, a qualidade e a disponibilidade de materiais educativos; 9) a pluralidade e a qualidade das didáticas; e 10) condições materiais e incentivos socioeconômicos e culturais mínimos. [...] Por óbvio que pareça, é importante insistir que as políticas e a gestão da educação básica necessitam encontrar seu foco na essência da tarefa educativa – bem ensinar e bem aprender – tudo fazendo para cumprir a função social da escola com sucesso. [...] Sua razão de existir está intrinsecamente ligada à tarefa primordial de bem ensinar e aprender. Gestão escolar bem sucedida, portanto, é aquela voltada para a aprendizagem de todos os alunos. (VIEIRA, 2007, p.15)

Desta forma, acima de tudo, precisa-se zelar pela alfabetização qualitativa da população que se encontra nos bancos escolares, por que depende-se dela para dar continuidade à sociedade contemporânea. Em face dessas considerações, compreende-se que o maior desafio posto na ordem do dia é o conhecimento. Precisa-se prezar por ele, ao menos nos discursos, nos objetivos educacionais, nas bases legais da política, planos, avaliações, testes, para que dê certo. Porém, o que se percebe, pelas avaliações nacionais e internacionais, é que este conhecimento está distante do cotidiano escolar. O grande desafio que se apresenta aos educadores, por conseguinte, é torna-lo uma realidade constante e valioso objeto de educação moral com valores especiais.

2.3 CONFLITOS EM SALA DE AULA E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Quando aborda-se o atual contexto escolar, marcado por tensões e contradições sociais que naturalizam processos de desumanização, faz-se necessária a vivência de valores como a liberdade, diálogo e justiça que se constituem como importantes bases para o respeito à vida. O cotidiano das pessoas evidencia, contraditoriamente, processos de inclusão e exclusão, humanização e desumanização, materializada na desigualdade de acesso aos direitos sociais e exposição de grande parte das famílias à violência em suas mais diferentes faces.

mediante isso, a escola deve assumir-se como um espaço para debate das diferentes realidades e promoção de uma visão crítica e solidária do comportamento humano. A mediação de conflitos escolares visa, assim, colaborar com a construção e o fortalecimento da cultura de paz, atuando junto à comunidade escolar entre professores, estudantes, pais ou responsáveis, através de atividades socioeducativas, que possibilitem a vivência de experiências cooperativas e discussão de normas e valores, que devem inclusive começar no ambiente familiar do aluno, que certamente fará a diferença em sua vida profissional e em sua personalidade.

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, freqüentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. (PIAGET, 1972 – 2000, p. 50 apud JARDIM, 2006, p. 15)

Ao tratar-se dos laços estreitos entre família e escola, pode-se compreender que os estudantes, costumam expressar seus sentimentos através das mais diferenciadas formas, como o modo de se vestir, de andar, falar ou movimentar-se; o tipo de música que canta; os desenhos que faz, entre outras tantas formas de expressão que passam ao serem compreendidas pela escola como formas de rebeldia a serem corrigidas por punições.

Todas essas peculiaridades são adquiridas em ambientes sociais, e por vezes apresentam-se até na escola, como desafios de dizer que já está na moda e que nada os atingirá. A família deve intervir, pois é neste ambiente que dá-se a educação de valores e moralidade. Martins (2010) afirma este processo de maneira mais ampla:

[...] ao nos aproximarmos das pichações temos como estabelecer um encontro com a cultura material deixada pelos jovens que vivem o cotidiano escolar. Entendemos que esta é uma forma que eles estabelecem de se objetivarem no contexto escolar, saírem do anonimato, terem visibilidade, expressar suas angústias e ansiedades, suas visões de mundo. (MARTINS, 2010, p. 57)

É necessário lembrar que existem várias maneiras de se praticar e causar a violência na escola; como a palavra falada tem sua força em vários sentidos, o que se diz em voz alta atinge a muitos em um mesmo instante, nesse sentido a agressão verbal está dentre os tipos de conflitos mais comum dentro da escola.

Na maioria das vezes incita o oprimido a ter uma reação tão hostil quanto à do opressor. Para além das agressões verbais e psicológicas, as agressões físicas também encontram espaço para agir dentro das escolas, onde ocorrem situações conflituosas que precisam ser revistas e analisadas para providências. .

Diante disto, Escolano (2001, p 27) afirma que: “Os espaços educativos, como lugares que abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmitem uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores (...), ao mesmo tempo em que impõem suas leis como organizações disciplinares”. Em muitos momentos tornou-se claro que a falta de espaço físico adequado para uma socialização mais sadia e descontraída proporciona problemas de comportamento dentre os estudantes.

Assim, tais atitudes evidenciadas, são mais acentuadamente no sexo masculino. Em relação às meninas, normalmente, as discussões que geram conflitos conferem a questão sentimental, decorrentes de adolescentes.

2.4 QUANDO É PRECISO TRANSFORMAR ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO

A educação é considerada um importante instrumento impulsionador da transformação social do indivíduo. Segundo a teoria liberal, a esta foi sempre considerada uma via para a mobilidade social e a chave de progresso individual e social. Todavia, foi nos anos 60 que a educação principiou a atrair as atenções, de modo especial, dos economistas, dos políticos, dos organismos internacionais e dos movimentos revolucionários.

Assim, ocorreram certos acontecimentos que levaram a olhar mais de perto os processos e as instituições educacionais. A formação de teorias econômicas da educação constitui um indicativo deste interesse crescente pelo ensino e pelo saber.

A educação ainda é a arma mais potente contra a miséria, a fome, a violência, a mudança de realidade e à agressividade, como também, conflitos. Nenhum outro instrumento é tão forte ou capaz de operar significativa transformação na vida do ser humano.

Sobretudo, há um comprometimento com um ideal a partir de uma ideia, de um pilar de moral. A força do amor de um professor ao saber, embalado pelos ensinamentos dos pais com seus saberes particulares, por vezes. O pai defende a ideia. A mãe defende as coisas boas da vida que transmite ao filho. O professor ouve, guarda e coloca em prática, pois só ele pode transmitir e conduzir a educação sistematizada.

O papel atual do professor do ensino superior deve passar pela criação de saberes, a difusão desses saberes, a interação com a sociedade e a revolução de atitudes, passando a universidade, cada vez mais, a ser um centro de discussão de idéias e de contribuição para o progresso social e humano. A gestão democrática participativa exige uma “mudança de mentalidade de todos os membros da comunidade escolar” (GADOTTI, 1994, p.5).

Portanto, uma educação que se almeja hoje, uma escolarização de qualidade, precisa colocar-se de forma positiva pelo que significa a transformação social nesses tempos de mudanças em tantos segmentos da vida humana. É preciso entender que assim com a realidade é dinâmica e muda, também a ideia que se faz da transformação social, sofre mudanças. E o dinamismo deve ser para melhor.

Isso significa redescobrir a leitura do mundo com uma tarefa primeira é fundamental. Uma das grandes contribuições de Paulo Freire foi não dissociar a leitura da palavra de seu contexto e para isso inventou as palavras geradoras, os temas geradores, as codificações da realidade em imagens, as fichas de descoberta, entre outros instrumentos que permitissem o trânsito entre as duas leituras.

As novas tecnologias de informação e comunicação, atualmente, permitem novas aproximações à realidade e permitem novas formas de codificação. Por isso, faz-se necessário adequar-se a acompanhar esta realidade da globalização.

A democratização da gestão da escola constitui-se numa das tendências atuais mais fortes do sistema educacional, apesar da resistência oferecida pelo corporativismo das organizações de educadores e pela burocracia instalada nos aparelhos de estado, muitas vezes associados na luta contra a inovação educacional (GADOTTI, 2006, p.6).

Dessa forma, pretende-se destacar o valor da participação coletiva e do exercício de construção democrática como prática constante e condição maior de desenvolvimento, através da qual a escola se tornará, de fato, uma instituição promotora da cidadania e voltada aos interesses das camadas populares, através da escolarização e educação sistemática.

As transformações ocorridas na sociedade atual mediante a procura pela liberdade de trânsito para as pessoas, mercadorias e capitais em uma espécie de mercado universal, tornaram possível a globalização, uma tendência internacional do capitalismo, que, como projeto neoliberal impõe aos países periféricos a economia do mercado global sem restrições.

Dessa forma, a competição ilimitada e a minimização do Estado na área econômica e social, tende a interferir na formação, devido as mudanças dos comportamentos que abrange a personalidade, o comportamento e outros aspectos do ser humano. Segundo Oliveira:

O efeito mais perverso destas transformações tem sido o desemprego e a exclusão social, já que os benefícios provenientes dessas transformações são usufruídos por apenas uma pequena parte da sociedade. Ao lado dos avanços científicos e tecnológicos com o aumento dos bens de consumo, do bem-estar, da difusão social, há fome, desemprego, doença, falta de moradia, analfabetismo das letras e das tecnologias. (OLIVEIRA, 2003, p. 115)

Neste sentido, um indivíduo ciente do valor da educação tem a exata noção do que essa representa, não só no particular, mais em toda a sociedade. Por isso, deve-se cobrar para que a educação seja disponibilizada a todos e lutar para que essa seja digna de qualidade e padrões aceitáveis, pois somente assim haverá conscientização, elitização e politização de uma sociedade num todo, de modo que as oportunidades sejam abertas de maneira competitiva e unânime, e não somente por privilégios de poucos.

É pelo conhecimento que possibilita entender-se que este constitui um dos papéis da escola, o de propiciar espaços para a participação da comunidade escolar à dinâmica, atividades e decisões escolares. Pois, para integrar e possibilitar que os membros desta possam interagir com a mesma, tomando consciência do seu papel na gestão e no envolvimento, é necessário à abertura de espaços democráticos e de voz à comunidade, de acordo com suas realidades na questão cultura.

Assim, vê-se que estão sempre inseridos em contextos sociais, culturais, históricos e territoriais que influencia na aprendizagem, no relacionamento com os colegas e professores. Estar dentro de uma sala de aula, é querer ser um educador e, sobretudo, gostar de pessoas, considerar os educando que ali estão como seres únicos, capazes de tornarem-se seres da diferença, da ruptura, da transformação social na busca de um mundo melhor.

Para que a participação seja realidade, são necessários meios e condições favoráveis, ou seja, é preciso repensar a cultura escolar e os processos, normalmente autoritários, de distribuição do poder no seu interior (...) Outro dado importante é entender a participação como processo a ser construído coletivamente. Nessa direção, é fundamental ressaltar que a participação não se decreta, não se impõe e, portanto, não pode ser entendida apenas como mecanismo formal/legal. (BRASIL, 2005, e, p.15)

Afirma-se que uma educação de qualidade deve ter como instrumento para um bem maior, no qual uma sociedade inteira tenha plena consciência de seus atos e também dos impactos que suas decisões representam, ou venham a representar, em uma comunidade. Além disso, é objetivo da educação promover sinergia para que todas as conquistas sejam elevadas e também contínuas permitindo sempre melhora para todos os envolvidos.

Desta forma, pode-se deduzir que, não obstante a educação é um processo constante na história de todas as sociedades, ela não é a mesma em todos os tempos e todos os lugares, e se acha vinculada ao projeto de homem e de sociedade que se quer ver emergir através do processo educativo. Educar exige dinamismo, determinação, conhecimento, conduta, comportamento e muita força de vontade, de todos os envolvidos.

Preparar o cidadão para exercer sua cidadania, exige acima de tudo, responsabilidade e compromisso. Educar, é transformar, é renovar, mudar para melhor. A educação é, portanto, um processo social que se enquadra numa concepção determinada de mundo, a qual estabelece os fins a serem atingidos pelo ato educativo em consonância com as ideias dominantes numa determinada sociedade, de sujeitos e indivíduos. Saviani (1991) afirma que,

O estudo das raízes históricas da educação contemporânea nos mostra a estreita relação entre a mesma e a consciência que o homem tem de si mesmo, consciência esta que se modifica de época para época, de lugar para lugar, de acordo com um modelo ideal de homem e de sociedade. (SAVIANI, 1991, p.55)

Sobretudo, o fenômeno educativo não pode ser, pois, entendido de maneira fragmentada, ou como uma abstração válida para qualquer tempo e lugar, mas sim, como uma prática social, situada historicamente, numa realidade total, que envolve aspectos e valores culturais, políticos e econômicos, que permeiam a vida total do homem concreto a que a educação diz respeito.

No entanto, durante a docência percebe-se a importância do diálogo na interação professor-aluno no processo de construção do conhecimento. É um processo árduo, mas possível e persiste por toda a vida do educador. A sala de aula é um ambiente surpreendente que proporciona ao professor vivenciar experiências únicas, na sua prática cotidiana que acrescenta valores tanto na sua formação profissional quanto na sua construção como ser humano. Daí o desenvolvimento da conduta humana.

Desta forma, em muitos momentos pode ser recompensador e prazeroso estar em sala de aula, em outros pode ser frustrante e desanimador. Os alunos de hoje espelham a sociedade em que vivem com características individualistas, consumistas, materialistas, carentes de valores sólidos, de família estável, de amor e compreensão e com individualidade. Mas não se pode esquecer de que esses alunos são parte do mundo em que estão inseridos, com seus valores, seus sonhos e suas ideologias.

De certa forma, o diálogo nem sempre é fácil durante as aulas, em sala onde existem professores e alunos com todos os tipos de comportamentos e personalidades. A indisciplina muitas vezes é a mola propulsora dentro da sala de aula e o professor sente-se limitado diante dos atuais desafios educacionais. A escola está em um processo de buscar novos horizontes; pois, todas as tentativas para manter e buscar equilíbrio e a qualidade está falhando e precisa-se rever esta questão no âmbito educacional.

Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real, com educação e comportamentos. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário, sobrepondo-se de forma a diminuir as diferenças.

Portanto, a escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade, sem violências e agressões, imperando o respeito uns aos outros.

3 DESAFIOS DE PROFESSORES DIANTE DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: ANÁLISE EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ITAITUBA- PARÁ

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A EMEF Joaquim Caetano Correa está localizada na Avenida Marechal Rondon, num 540, boa esperança, Itaituba- Pará, XEP- 68181- 010 e Apossui características sociais parcialmente carentes de saneamento básico, saúde e lazer que é comum em grande parte do município.

A Escola conta 01 (um) bebedouro hidráulico, 01 cozinha, 03 (dois) depósitos, 01 (uma) secretaria, 01 (uma) sala dos professores, 01 (uma) biblioteca que atualmente funciona como sala de aula, o motivo da utilização da biblioteca como sala de aula foi o surgimento de novos bairros próximo à escola, 01 (uma) diretoria, 01 (uma) centro de informática, 04 (quatro) banheiros e 01 (uma) quadra em fase de conclusão. Todos os ambientes estão precisando de reformas para dar um bom atendimento para os nossos alunos.

A Escola conta com alunos matriculados no Ensino Fundamental e matriculados na E.J.A. (Educação de Jovens e Adultos), a mesma funciona nos três turnos (matutino, vespertino e noturno).

O pleno desenvolvimento do educador possibilitando que cada aluno dedique mais tempo àquilo que está de acordo com suas personalidades. O preparo para o exercício da cidadania, a ser participante, responsável, independente, a desenvolver o espírito de iniciativa. E a qualificação para o trabalho, pois é através do trabalho que o educando pode realizar-se individualmente, contribuindo para o desenvolvimento da sociedade.

No intuito de promover a educação de qualidade para toda clientela, propusera-se a definição de um padrão de qualidade, com estruturas de avaliação que possibilita o controle social das ações da escola e do Sistema de Ensino.

Acompanhar permanentemente as condições do ambiente escolar em termos físicos e sócio-políticos, gestão democrática, valorização dos trabalhadores, autoestima dos alunos, e envolvimento da comunidade; Introduzir passo a passo, durante o decorrer da execução do planejamento, ações corretivas visando a aperfeiçoar o que ficar abaixo dos níveis estabelecidos.

Portanto, a comunidade escolar, juntamente aos diversos segmentos norteiam o funcionamento dos planos operacionais em execução e efetivando as

atividades que irão contribuir para o alcance de suas metas e melhorias constantes da qualidade.

3.2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho foi realizado a partir da necessidade de Identificar desafios e dificuldades dos professores frente à violência dos alunos no ambiente escolar, e deverá desenvolver-se em uma escola pública do município de Itaituba- Pará. Assim, iniciou-se uma pesquisa bibliográfica com alguns teóricos tais como: (ABRAMOVAY, 2002); (DELORS, 1996); (PATO, 1987); (SILVA, 2002); e de campo realizada em Outubro de 2019, com abordagem quantitativa; através de aplicação de questionário individuais, composto por sete questões interrogativas, direcionadas a seis professores que trabalham efetivamente na escola. Até por que,

...um campo que era anteriormente dominado pelas questões da mensuração, definições operacionais, variáveis, testes de hipóteses e estatística a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Designamos esta abordagem por Investigação Qualitativa. (BOGDAN E BIKLEN, 1994, p.11)

Para tanto, buscou-se amparar-se em questões que norteasse o trabalho, tais como: Assim, busca-se responder às seguintes questões, para direcionar ao referido trabalho: Quais os desafios dos professores com a violência na escola? Quais são as causas da violência dos alunos no contexto escolar? e como lidar com a violência em sala de aula?

Os objetivos almejados consistiram em analisar os desafios dos professores com a violência do aluno no ambiente escolar; Identificar causas da violência dos alunos em sala de aula; Verificar condições para lidar com a violência na sala de aula e propor metodologias para amenizar os eventos ocorrentes de violência na escola.

Para chegar-se aos resultados almejados, foram necessárias a coleta de dados para análises discursivas, com comentários relativos às mesmas. De acordo com o resultado, foi preciso sugerir algumas propostas de intervenção para facilitar o trabalho do professor em relação à indisciplina na escola e por fim, a conclusão de todo o trabalho.

3.3 - PERFIS DOS ENTREVISTADOS

Para contribuir com o trabalho, foram entrevistados seis professores. Destes, sendo um do sexo masculino, com 28 anos, de idade, apenas informou que é graduado, mas não declarou a licenciatura; já trabalhou em outras instituições e trabalha apenas a alguns meses na escola.

Também foram e cinco do sexo feminino, com trinta anos, graduada em Ciências biológicas, Pós- graduada e, Biologia Vegetal, uma Pedagoga com quarenta e seis anos de idade, com Psicopedagogia, uma docente graduada em história e geografia, duas professoras com cinquenta e um anos de idade, graduadas em Licenciatura plena em Letras, especialistas em Língua inglesa e Linguística trabalham entre dois a dez anos na escola; e já prestaram serviços em outras instituições de ensino.

3.4 ANÁLISE DA PEQUISA COM OS PROFESSORES

A violência é um problema social que está presente nas ações dentro das escolas, e se manifesta de diversas formas entre todos os envolvidos no processo educativo, pois a escola é um lugar de formação da ética e da moral sejam eles alunos, professores ou demais funcionários. O referido trabalho conferiu com a participação de seis docentes, que foram entrevistados, para que o resultado da investigação tivesse sucesso. A primeira questão é sobre o professor com casos de violência na escola.

Quadro 01- Você já deparou- se com casos de violência nesta escola? Justifique sua resposta.
Fonte: professores da EMEF em Itaituba-Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Sim, no caso de violência verbal entre alunos que se desrespeitam geralmente. Houve caso de ameaça que foi feita à escola com relação a atentados e ataques influenciados pela escola do sudeste que saiu na mídia.
P2	Sim, violências verbais e físicas, contra alunos e professores e também a demais funcionários da escola.
P3	Não.
P4	Sim. Uma única vez, mas consegui que algo pior acontecesse.
P5	Sim. Casos de agressão física entre alunos.
P6	Não respondeu. Não. O que deparamos é com alunos indisciplinados.

Ao serem investigados sobre possíveis casos de violência na escola, a maioria dos entrevistados responderam que sim, que vai da agressão física e verbal, à violência entre alunos, ameaças à escola com atentados e ataques, que sofreu influência de fatos ocorridos em escolas do Brasil. Também dois professores responderam que não há violência na escola, apenas casos de indisciplina.

Ademais, a violência decorre da indisciplina e da falta de limites do sujeito. “A indisciplina seria indício de uma carência estrutural que se alojaria na interioridade psíquica do aluno, determinada pelas transformações institucionais na família e desembocando nas relações escolares”. (Aquino, 1996, pág. 48)

Sobretudo, a violência acontece em todas as escolas, pelo menos, em uma de suas formas, e quando se reconhece a existência dela, as soluções podem ser buscadas por todos, em conjunto. É fato que desentendimentos, discussões e brigas ocorrem. Porém, o que não é saudável é que comportamentos que constrojam, envergonhem, agredam física e moralmente outras pessoas se tornem algo comum, rotineiro em ambientes familiares e escolares. A próxima questão investiga como é trabalhada a violência em sala de aula.

Quadro 02- Como é trabalhada a questão da violência em sala de aula? **Fonte:** professores da EMEF em Itaituba-Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Com o diálogo e esclarecimentos de valores, com controle da situação para evitar pioras. Fazendo também registros da situação em busca de sanar qualquer caso negativo, pedindo a presença dos responsáveis, etc. Tudo o que está ao alcance dos colaboradores da instituição, é feito.
P2	Através de palestras, durante as aulas, conversas com os próprios alunos, orientação aos pais, para que possam rever esta questão também.
P3	Conversa em sala de aula e já houve palestras.
P4	O trabalho com alunos dessa natureza é feita através dos valores que abrangem toda a personalidade do aluno.
P5	Como muita conversa, fazendo o aluno entender e respeitar o seu espaço e o do colega, trabalhando as diferenças e tratando-os com afetividade sem fugir da disciplina.
P6	Geralmente através de orientações por parte dos professores e por meio de trabalhos escolares de algumas disciplinas. Algumas vezes com a presença dos profissionais como psicólogos, agentes...

Os entrevistados responderam que trabalham a questão da violência em sala de aula, deve ser trabalhada com diálogo e esclarecimentos de valores, com a

presença de responsáveis e o que há ao alcance dos colaboradores da instituição, com palestras, fazendo o aluno respeitar espaço do outro, tratando-os com afetividade, com a ajuda dos professores, psicólogos e agentes educacionais.

Assim, é bom necessário considerar que a participação mais efetiva da família no contexto escolar, e uma aproximação maior desta com os filhos, o incentivo da escola em preparar melhor seu corpo docente e seus funcionários para que se dediquem a promover atitudes de tolerância e respeito entre os alunos, são medidas que ajudam significativamente no combate à violência na escola, estimulando um convívio mais saudável entre os grupos sociais e os alunos em sala de aula. Prosseguindo o estudo, a pergunta sobre o perfil do aluno violento.

Quadro 03- Trace o perfil do aluno indisciplinado e violento. **Fonte:** professores da EMEF em Itaituba-Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Acredito que há variações, não somente um ou outro caso específico; cada caso é um caso. Observo mais a violência verbal que é que mais acontece e (quando acontece) entre os alunos e às vezes o desdém para com o professor também em sala de aula. Geralmente são alunos, muito falantes de maneira negativa, teimosos, que não fazem as atividades é que fogem às vezes das aulas.
P2	Não respeita ninguém. Percebe-se que não devem ter limites em suas casas e principalmente não respeitam os pais. São agressivos com quem encontram, fazendo gracejos...
P3	Desestruturação familiar, carência afetiva, tendem a praticar o bullying.
P4	Não respeita colegas e professores; não participa das aulas, não faz atividades. Procura sempre chamar a atenção fazendo gracejos.
P5	É aquele que, não respeita o colega nem o professor, não admite quando erra, sempre se acha superior aos demais, não tem boas maneiras e nunca faz nada que lhe é proposto.
P6	É aquele aluno que vem de casa com a obrigação de apenas perturbar na sala de aula. Não faz nada. Senta no fundo da sala e faz de tudo pra chamar a atenção da turma.

Quanto ao perfil do aluno indisciplinado, os docentes indagados afirmaram que há variações, como desdém com o professor em sala de aula, alunos teimosos, que fogem das aulas; há também aqueles que não respeitam ninguém; que não têm limites em suas casas e não respeitam seus pais, são agressivos com quem cruza seus caminhos e fazem gracejos.

Também abordaram a desestruturação familiar, carência de afetos, praticam o bullying; não respeitam o professor, não se permite errar, se acham superiores aos

outros e não tem boas maneiras. Aliás, é aquele aluno que só provoca perturbações em sala de aula e faz questão de chamar a atenção de qualquer maneira.

Diante das respostas, percebe-se que um aluno indisciplinado se rebela, não acata, nem se submete, nem tão pouco se acomoda, provocando dentro da sala de aula um desrespeito e questionamentos, e não desenvolve a capacidade de se ajustar às normas e padrões explícitos pela escola. Assim, “O ensino teria como um de seus obstáculos centrais a conduta desordenada dos alunos, traduzida em termos como bagunça, tumulto, falta de limites, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade”. (Aquino, 1996, pág. 40).

Todavia, as práticas de desrespeitos e maus comportamentos do aluno indisciplinado, são influenciadas desde o ambiente familiar até a instituição escolar, e quando não se busca soluções, acompanhamentos e parcerias através da família-escola, a indisciplina pode ser o estopim para a violência, a agressividade e o insucesso na educação. Dando continuidade ao estudo, a indagação sobre projetos da inserção dos pais na escola.

Quadro 04- A escola desenvolve projetos de inserção dos pais na escola? Fale sobre. **Fonte:** professores da EMEF em Itaituba-Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Sim. Desde as reuniões, atividades de envolvimento familiar na escola, comunicados (caso necessário), etc.
P2	Sim, convites, reuniões, palestras, mas é quase inútil. Aham que a escola deve e tem a obrigação de educar e cuidar de seus filhos, integralmente.
P3	Sim, projetos comemorativos na maioria, como feira de arte religiosa, dias das mães, dia dos pais, festa junina.
P4	Sim. Mas infelizmente os pais não gostam de participar.
P5	Sim. Reuniões pedagógicas bimestralmente, projetos sociais e pedagógico com a participação dos mesmos.
P6	Sim, por meio de programações e projetos.

Os professores afirmaram, quanto à inserção dos pais na escola, que desenvolvem projetos, com reuniões, atividades, convites e palestras, comunicados, atividades comemorativas cívicas e sociais, mas infelizmente os pais não participam.

Ao criar atividades extracurriculares voltadas para o desenvolvimento social dos alunos, a instituição tende a incentivar o bom convívio entre crianças, jovens e adultos. Gincanas, times esportivos, rodas de leitura, passeios e viagens com a

turma são alguns exemplos de como reduzir a pressão das responsabilidades escolares e estimular a interação social entre os estudantes.

Assim, a presença dos pais faz-se necessária, á que são os genitores dos alunos e suas responsabilidades em relação aos filhos no ambiente escolar consiste em motivar e transmitir segurança aos filhos na escola. Por isso, a importância de inserir essa categoria no ambiente escolar. À seguir, a pergunta sobre as metodologias utilizadas para trabalhar a questão da violência na escola.

Quadro 05- Quais metodologias são utilizadas para trabalhar a questão da violência nesta escola?

Fonte: professores da EMEF em Itaituba-Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Todas as possíveis que estejam ao alcance dos colaboradores da escola.
P2	Através de conversas, de vídeos, filmes, histórias, fatos, etc
P3	Os alunos são encaminhados para a direção para providências como expulsão em caso de violência séria.
P4	As metodologias trabalhadas são feitas através de projetos.
P5	Não são utilizadas certas metodologias em virtude de não termos violência em grau mais elevado; apenas algumas faltas de respeito, mas na primeira ocorrência feita o aluno se comporta.
P6	Orientações, palestras e trabalhos escolares.

Ao serem investigados quanto às metodologias para serem trabalhadas a questão da violência na escola, os entrevistados responderam que através de conversas, vídeos, filmes, histórias fatos, através de projetos, de ocorrências palestras e orientações. Também há encaminhamento á direção.

Ao criar estratégias para trabalhar a violência na escola, são viáveis as atividades extracurriculares voltadas para o desenvolvimento social dos alunos. Desta forma, o incentivo ao bom convívio entre crianças, jovens e adultos são importantes. Gincanas, times esportivos, rodas de leitura, passeios e viagens com a turma são alguns exemplos de como reduzir a pressão das responsabilidades escolares e estimular a interação social entre os estudantes, de forma a serem direcionadas aos alunos para ocuparem os espaços de tempo .

Além disso, a sugestão para a criação de grupos de estudo e a realização de atividades práticas em conjunto para que eles desenvolvam um senso de colaboração também dentro da sala de aula, o que pode melhorar o desempenho escolar de muitos, a responsabilidade e o compromisso de respeitar a todos ao seu

redor. À seguir, a indagação sobre a importância da diferença da educação familiar para o comportamento do aluno.

Quadro 06- Do seu ponto de vista a educação familiar faz a diferença no comportamento do aluno em sala de aula? Comente. **Fonte:** professores da EMEF em Itaituba-Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Sim. A casa, o lar é a base inicial principal e principal para fazer um indivíduo plausível.
P2	Sim, ela é responsável pela formação da criança, dos valores familiares, que o aluno traz para a escola e se estende por toda a vida.
P3	Faz toda a diferença por que eles tendem a ser mais tranquilos e obedientes.
P4	Sim. O aluno é reflexo da sua família. O que ele vê em casa o mesmo reproduz na sala de aula ou em outro ambiente que estiver.
P5	Sim. Alunos que recebem boa educação em casa, sabem respeitar e cumprir algumas regras, o comportamento e o aprendizado deles na escola é excelente.
P6	Certamente, Quando a criança aprende a respeitar limites em casa, será mais fácil respeitar as regras em outros ambientes.

Ao serem indagados quanto à educação familiar e sua influência no comportamento do aluno em sala de aula, os mesmos responderam que que faz toda a diferença, pois o lar é base principal, dos valores que faz a diferença e se estende pra toda a vida, que tornam- se mais tranquilos e obedientes, que a família é a base e seus ensinamentos refletem com uma boa educação, que sabem respeitar e cumprir regras, tem o aprendizado excelente.

Mediante a questão, “O ambiente também interfere na disciplina” (Tiba, 2006, pág. 128). Portanto, é no ambiente familiar que deve ocorrer os limites educativos dos valores éticos da criança e não só apenas em sala de aula; se deve também ao lugar que a escola ocupa hoje na sociedade.

Sobretudo, muitas vezes falta preparação para enfrentar a complexidade dos problemas atuais e acabam produzindo a sua própria indisciplina, com socialização de espaços, de tempo, as redes de relações que, quando o professor não consegue perceber essa contexto de forma mais evidente, pode ocorrer conflitos e divisões de opiniões do grupo. Diante desta situação, percebe- se que a família é a mentora da educação de valores éticos e morais, levando ao sucesso escolar de seus filhos. Enfim, a questão sobre a educação do aluno no ambiente escolar.

Quadro 07- Você acha que o aluno deve ser educado no ambiente familiar? Por que? **Fonte:** professores da EMEF em Itaituba-Pará/2019

PROFESSOR (A)	RESPOSTA
P1	Do ponto de vista em sala de aula diariamente, nem todos, mas boa parte, parece sim fazer acompanhamentos, nas reuniões; os pais que comparecem, dialogam com os professores e demais colaboradores da instituição. No entanto, há alunos alguns estudantes com desvios de comportamento em sala de aula.
P2	Bem pouco. Somente em reuniões, quando querem o resultado do final do ano.
P3	Na escola, nas turmas em que trabalho, há pouca participação e contribuição dos pais.
P4	Na nossa escola, os pais que realmente ajudam os seus filhos é a minoria. Esta, faz a diferença; pois, os filhos melhoram muito no aprendizado.
P5	É notório que 90% dos pais estão sempre preocupados com seus afazeres, compromissos e outras coisas mais, do que com a vida escolar dos filhos; principalmente em contribuir para que ele tenha uma boa educação; é perceptivo nas reuniões pedagógicas, pois os mesos nem aparecem.
P6	Deveriam. Aliás, são os grandes responsáveis pela verdadeira educação e condução de seus filhos.

Os docentes, ao serem interrogados quanto se o aluno deve ser educado no ambiente familiar, os mesos foram enfáticos ao responderem que boa parte, aparenta ter educação familiar; os pais que aparecem em reuniões embora bem poucos, conversam com os professores, pois há pouca participação dos pais. Isto constitui a minoria.

Também afirmaram que a maioria dos pais estão preocupados com seus compromissos, deixando de lado a educação e o acompanhamento escolar dos filhos e principalmente em contribuir para que os mesmos tenham uma boa educação. E ainda concluem que os pais deveriam conduzir a educação dos filhos, coo responsáveis pela verdadeira educação. Assim, “a indisciplina está presente no desrespeito ao desenvolvimento biológico por parte dos pais: motivados pelo amor, pelo desejo de satisfazer todas as necessidades dos filhos, alguns pais não modificam seus comportamentos nem suas ofertas á medida que a criança cresce. (Tiba, 2006, pág.37)

Portanto, a participação mais efetiva da família no contexto escolar, e uma aproximação maior desta com os filhos, o incentivo da escola em preparar melhor seu corpo docente e seus funcionários para que se dediquem a promover atitudes de tolerância e respeito entre os alunos, são medidas que ajudam significativamente

no combate à violência na escola, estimulando um convívio mais saudável entre os grupos sociais.

Entretanto, faz-se necessário a intervenção de familiares, de bons relacionamentos interpessoais, autoestima, segurança, participação destes, inclusão social, inserção na escola para acompanhar seus filhos e demonstrar que a família também deve acompanhar o desempenho deste na escola.

Nas escolas, acontecem a formação de relações do dia a dia e deve ser um espaço para inserir o respeito ao próximo, através de atitudes que levem à amizade, harmonia e integração das pessoas, visando atingir os objetivos propostos no projeto político pedagógico da instituição, considerando que são seres humanos em desenvolvimento intelectual que estão ali inseridos.

Enfim, a escola é o ambiente de educação escolarizada, enquanto a família deve proporcionar aos filhos os provimentos necessários para suas vidas e inseri-los a um contexto de educação moral e ética, primando pelos valores que são necessários para na formação do ser humano e do sujeito em desenvolvimento.

3.5 PROPOSTAS DE INTERVENÇÃO

De acordo com o resultado da investigação, a violência está presente e assumido diversas formas de expressão nas escolas. E não consiste apenas em casos de violência simbólica que ocorrem o tempo todo como o bullying e outras agressões verbais e falta de respeito com os professores e demais colegas de aula. Assim, fez-se necessário algumas propostas intervenientes, para amenizar essa situação desagradável no ambiente escolar.

- I. Identificar motivos de indisciplina e violência na escola.
- II. Promover palestras para a família e a escola sobre a caracterização da violência e formas de prevenção;
- III. Elaborar projeto de prevenção das diversas formas de violência na escola;
- IV. Manter diálogo aberto com os alunos e pais.
- V. Promover atividades lúdicas coletivas como filmes, jogos e brincadeiras; e atividades de interação e socialização.
- VI. Desenvolver oficinas pedagógicas.

Diante das sugestões de interveniências que devem ser trabalhadas coletivamente com metodologias diferenciadas e dinamizadas, almeja-se que

casos de indisciplina na escola sejam amenizados, já que a escola está na condição de responsável para trabalhar esta questão, que tem suas origens em outro segmento da sociedade e deve desenvolver integralmente o aluno nela inserido.

Enfim, a tomada de consciência coletiva é um passo importante no caminho da prevenção. A escola precisa ser reconhecida pelos alunos e seus familiares como um ambiente social seguro, de boa comunicação, sempre abertos com os alunos e suas famílias. Esse hábito ajuda na construção de um vínculo de confiança entre vocês. Afinal, quando o aluno e a família sentem segurança e acolhidos no ambiente escolar, ao surgir qualquer problema há mais possibilidades para buscar-se ajuda.

CONCLUSÃO

Diante do trabalho de investigação realizado na escola pública investigada, em Itaituba-Pará, com uma pesquisa de campo de cunho qualitativo com seis professores da instituição, realizada em Outubro de 2019, onde analisou- se a questão da violência na escola e foi possível obter resultados satisfatórios sobre este evento, presente cotidianamente e vivenciada pelos professores.

Assim, percebeu- se que os alunos indisciplinados e agressivos, estão sempre apresentando atitudes como a falta valores sociais, desrespeito aos outros, utilizando- se de objetos escolares para depredação, violência física e verbal, palavrões, dentre inúmeros atos abordados em horários letivos. Isso, devido a desestrutura familiar, a falta de limites, carência de afeto e o bullying que consiste em tortura psicológica do aluno agressivo.

Ficou claro, que os pais são responsáveis pelas atitudes dos seus filhos na escola e a indisciplina não foge à regra; porém, ainda precisam está presentes no ambiente de escolarização de seus filhos. Desta forma, constata- se que a educação familiar é necessária, pois é através dela que são consolidados os valores éticos e morais, repassados para as crianças; ou seja; a educação familiar para toda a vida.

Os professores utilizam- se de diálogos com os alunos, orientação através de palestras; dizem que é necessária a educação e acompanhamento dos pais, para que possam amenizar o comportamento de indisciplinas dos alunos.

Diante da violência a na escola, fez- se necessário a sugestão de algumas propostas para trabalhar- se no ambiente escolar, como identificar as causas , observar os alunos indisciplinados, elaborar e desenvolver projetos que trabalhem esta questão, e trabalhar juntamente com a família em forma de parceria, para a educação dos filhos, sabendo- se que esta, está presente e se apresenta de diversas formas.

Portanto, a escola tem o dever de continuar a educação aos alunos que o seio familiar proporciona, e ensiná-los a serem disciplinados, onde as primeiras regras e normas partem dos pais que é o ponto fundamental para a educação das crianças, que se agirem com maus exemplos acabam contribuindo para o desenvolvimento de seres indisciplinados, que expandirá em direção da escola e para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Julio G. (orgs.) **Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas**. In: LAJONQUIÉRE, Leandro de. **A criança, “sua” (in)disciplina e a psicanálise**. In: TAILLE, Yves de La. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. São Paulo: Sumus, 1996.
- ARIÈS, Philippe (1988). **A criança e a vida familiar no Antigo Regime**. Lisboa: Relógio D’Água Editores.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- BRASIL. **Conselho Escolar, gestão democrática da educação e escolha do diretor**. Brasília/ DF.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- CANDAU, V. M.; NASCIMENTO, M. das G.; LUCINDA, M. D.A. C. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Revista Sociologias, Porto Alegre, n.8, ano 4, p.432-443, jul./dez. 2002.
- DELORS, Jacques [et.al.] (1996). **Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a ESCOLANO, A. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. (terminantes do desenvolvimento). 4ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.
- FERMOSO, P. (1998). **La violencia en la escuela: El educador – Pedagogo Social Escolar**. In PANTOJA, L. (Org.). Nuevos espacios de la educación social. Bilbao: Universidad de Deusto.
- FREUD, Anna (1987). **Infância normal e patológica** (de GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. New York, 1998).
- GADOTTI, M. **Pedagogias participativas e qualidade social da educação**. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Seminário Internacional: Gestão Democrática da Educação e Pedagogias Participativas** – caderno de textos. Brasília/D.F, 2006.
- JARDIM, Ana Paula. **Relação entre Família Escola: proposta de Ação no Processo Ensino – Aprendizagem**. Disponível em: http://T121858Z-12/Publico/DISSERTACAO_EDUCACAO.pdf. Acessado em: 06 Mar/ 2019

LIBÂNEO, José Carlos. **Perspectivas de uma pedagogia emancipadora face às transformações do mundo contemporâneo.** Revista Pensar a Prática, Goiás, v. 1, p. 1- 22, jan./jun. 1998b.

MARTINS-UEL, J. B. **Pichação na escola e a construção da identidade juvenil.** Disponível em: http://www/2010/Sociologia_da_Educacao/Trabalho/08_18-5-2019

OLIVEIRA, Ramon de. **A (Des)qualificação da educação profissional brasileira,** São Paulo: Cortez, **_PICHACAO_NA_ESCOLA_E_A_CONSTRUCAOF.** Acesso: 15 de agosto de 2016.

SPOSITO, M. P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil.** Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** 10 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

TIBA, Içami. **Disciplina: limite na medida certa. Novos paradigmas/** Içami Tiba. – Ed. Ver. Atual e ampli. – São Paulo: Integrare Editora, 2006.

UNESCO. **da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI.** 3ª Ed. Porto: Edições Asa.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Política(s) e Gestão da Educação Básica: revisitando conceitos simples.** RBP AE – v.23, n.1, p. 53-69, jan./abr. 2007.

APÊNDICES



FACULDADE DE ITAITUBA- FAI
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA- PARÁ.

Este questionário é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Desafios da violência na Escola” do Curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba- FAI.

Questionários para os Professores

Identificação:

*Idade: _____ Sexo: _____

*Graduação: _____

*Pós- graduação _____

*Há quanto tempo trabalha nesta escolar? _____

* Já trabalhou em outra instituição? _____

- 1- Você já deparou- se com casos de violência nesta escola? Justifique sua resposta

- 2- Como é trabalhada a questão da violência em sala de aula?

- 3- Trace o perfil de um aluno indisciplinado e agressivo.

4- A escola desenvolve projetos de inserção dos pais na escola? Fale sobre.

5- Quais metodologias são utilizadas para trabalhar a questão da violência nesta escolar?

6- Do seu ponto de vista a educação familiar faz a diferença no comportamento do aluno em sala de aula? Comente.

7- Os pais contribuem com a educação de seus filhos?

OBRIGADA!